

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

KATIÚSCIA BEATRIZ DOS SANTOS MACHADO

DA CURVATURA 1A A 4C: A REPRESENTAÇÃO DO CABELO DA NEGRA
MULHER ATRAVÉS DO OLHAR SOBRE AS PERSONAGENS OLIVIA POPE E
ANNALISE KEATING

PORTO ALEGRE
2018

KATIÚSCIA BEATRIZ DOS SANTOS MACHADO

Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – habilitação em Publicidade e Propaganda a ser apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof^a Dr^a Mônica Bertholdo Pieniz

PORTO ALEGRE
2018

CIP - Catalogação na Publicação

Santos Machado, Katiúscia Beatriz
DA CURVATURA 1A A 4C: A REPRESENTAÇÃO DO CABELO DA
NEGRA MULHER ATRAVÉS DO OLHAR SOBRE AS PERSONAGENS
OLIVIA POPE E ANNALISE KEATING / Katiúscia Beatriz
Santos Machado. -- 2018.
104 f.
Orientador: Mônica Bertholdo Pieniz.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Publicidade
e Propaganda, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Identidade Racial. 2. Cabelos Crespos. 3.
Representação Midiática. 4. Scandal. 5. How To Get
Away With Murder. I. Bertholdo Pieniz, Mônica, orient.
II. Título.

KATIÚSCIA BEATRIZ DOS SANTOS MACHADO

DA CURVATURA 1A A 4C: A REPRESENTAÇÃO DO CABELO DA NEGRA
MULHER ATRAVÉS DO OLHAR SOBRE AS PERSONAGENS OLIVIA POPE E
ANNALISE KEATING

Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – habilitação em Publicidade e Propaganda a ser apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Mônica Bertholdo Pieniz (orientadora)

Profª Drª Fernanda Oliveira da Silva

Profª Drª Laura Hastenoflug Wottrich

Quando eu não tinha com quem falar, em quem me espelhar, quando eu não tinha quem me escutasse, quem me olhasse, eu me percebi. E assim vi que mesmo com tantos ao meu redor nunca escutei a voz que realmente importava nesses anos todos, aquela que me levantava quando não tinha forças para estar de pé, aquela que vem de dentro e sai com um rebento no peito. Aquela dor que pode te massacrar mas ao passo que é sentida pode ser levemente gostosa, a ferida que cura a si mesma, aquela sensação, sexto sentido que deve ser levado a sério ao mesmo tempo que te leva as risadas e ao choro.

Hoje eu me percebo, hoje eu me vejo com um ser humano, mesmo que por anos tenha sido comparada pelos olhares alheios a um animal que deveria ser domado da cabeça aos pés. Minha voz alta, meus cabelos que crescem de encontro ao céu, meu nariz largo, minha boca carnuda, minha pele seca, minha cor. Nada mais é motivo para ter vergonha ou para ser escondido, aquele amor próprio que você, não negro, tanto fala eu aprendi a duras batalhas comigo mesma e te digo, não arredo o pé do terreiro que construí no meu coração para me ver através da alma ancestral que carrego comigo.

Eu tenho orgulho do que me tornei, mesmo ainda tendo brigas comigo mesma que me dilaceram quando acredito que o que alcancei até aqui não foi o suficiente e não são conquistas passíveis de comemoração.

As negras mulheres que me escolheram e que escolhi para essa caminhada na terra nunca me decepcionaram, mesmo que em alguns momentos não tenhamos concordado. Eu sei que a história que me contaram e que continuam propagando sobre o meu povo ser escravo não é verdade, eles foram escravizados. Eu sou descendente de rainhas e reis, meu povo carrega o sorriso largo pois seu passado era feito de alegrias, meu povo é festeiro pois ainda celebra os seus, é pela música e através de seu gingado que consegue se esquivar das agruras da vida, meu povo tem o tom de voz alta pois em seu reino precisava falar para que todos escutassem.

Eu sei bem de onde eu vim, mesmo que minha história seja mal contada, e que existam várias peças desse quebra-cabeça que não querem que saibamos. Eu, assim como muitas negras mulheres estamos contando nossas histórias, juntando peças. Mas e você, sabe a sua história? Aquela verdadeira, onde os seus criam a maioria das atrocidades humanas? Ou acredita que essa história fantasiosa é o que realmente importa?

Epígrafe Autora

AGRADECIMENTOS

Aos orixás, espíritos de luz, aos santos, as minhas crenças que não me deixaram esmaecer e colocaram pessoas boas à minha volta. Assim como, acalmaram meu coração sempre que achei que não ia conseguir.

À minha mãe, negra mulher que me ensinou a não desistir, mesmo quando tudo está desmoronando, pela garra e amor imensuráveis. Ao meu pai que me ensinou a rir da vida e de mim mesma, assim como ver o lado bom das coisas, sem me deixar levar pelo pessimismo ao redor. Eles foram e, mesmo não estando mais nesse plano, são meu alicerce. Por eles que estou aqui, foram eles que me trouxeram até aqui, eles me ensinaram a sonhar e acreditar em mim mesma

À minha família em geral que me ajuda e me ajudou a traçar esse caminho até a finalização desse trabalho, pela paciência e compreensão nestes últimos meses de faculdade, mesmo quando eu era puro ranço e chatice. Pelo amor que me oferecem todos os dias, por aceitarem meus defeitos e por enaltecerem minhas qualidades. Minha tia Dilce que auxiliou na minha criação, me ensinou a dar valor aos estudos, que fez as tranças mais bizarras no meu cabelo – muitas vezes tive vergonha de algumas tranças “artísticas” que ela fazia com a pouca experiência que tinha com crianças, mas era o melhor dela - , que me ensinou a me proteger na escola e nunca baixar a cabeça para os meus colegas e suas “piadas”, além de me dar um amor incomparável. À minha tia Neusa, mais conhecida como Niquinha a Dinda de Todos, que é a pessoa que me atura diariamente, que tem o dom da paciência e de acalmar a todos a sua volta – mesmo que ela não perceba -, que tem um coração gigante, que sempre quer abraçar o mundo com seus braços pequenos e esta sempre preocupada com o bem estar alheio, que tem a simplicidade no olhar e amor em cada palavra. À Lourdes que em toda a sua franqueza tem amor, força, simpatia e delicadeza – às vezes delicadeza de uma elefanta, mas tudo bem – por ter me acolhido em sua casa de braços abertos e por me acolher em seu abraço sincero e amoroso, pela emoção que compartilha a cada conquista que tenho, por ser sincera, por acreditar nas pessoas, por ter amor em seu peito que transborda. A essas negras mulheres meu agradecimento eterno por me transformarem em uma pessoa melhor em todos os aspectos, o amor delas por mim e meu por elas não tem como mensurar e por isso não cabe em palavras a sorte que eu tenho de tê-las como parte de mim.

Ao meu tio Jair por me mostrar o verdadeiro significado de empatia e amor ao próximo, pelo amor – entre tapas e beijos - que sentimos um pelo outro só crescer a cada piada ou roubada de comida, por não medir esforços para ajudar as pessoas, por acreditar num mundo melhor e me fazer ter essa esperança também. Por sempre estar pronto pra luta, por mostrar pra mim – e pra todos que tem o privilégio de conviver contigo - que devemos lutar por condições melhores de vida, que não devemos ficar de braços cruzados e que devemos cobrar os nossos direitos seja de quem for. Esse homem é carinho e amor da careca aos pés. Ao meu tio Daniel que me ensinou que temos que ter paciência pra aceitar que o outro nem sempre vai seguir o caminho que desejamos pra ele, que as pessoas tem sua vida e que nem sempre o que você almeja para o outro é o que ele quer. A minha avó, Maria de Lourdes, que me buscava na creche e me ensinou a gostar de peixe, além de ter gerado a uma mulher fantástica que pude ter a honra de chamar de mãe. Ao meu avô que é um dos maiores contadores de histórias que eu conheço na vida, que me ensinou que as pessoas só enxergam o que querem e mesmo assim você não deixa de amá-las.

As minhas primas que mesmo eu sendo filha única me ensinaram o que é o amor de irmãs. Aline pela sua versatilidade de humor, pelo amor gigante que tem por mim - que por vezes não sei se retribuo a altura – por ensinara arte da paciência para todos que a amam. Dedy pela potência de negra mulher, por amar e lutar por uma arte para todas e todos, por acreditar na mudança pela arte, por ser uma inspiração e mostrar que eu posso ir além e por ter nos dado um tal João Francisco que ama minha barriga e que eu amo. Imara pela mulher cheia de atitude e com uma personalidade intensa escondida atrás de um riso frouxo e olhar meigo, pela confiança e ternura na fala, por ser paz em meio ao turbilhão, calma em meio ao mar revolto e por ser ridícula. Alessandra que com toda sua birra e falta de atenção ser um ser iluminado, pelas nossas séries, por ser uma garota cheia de cores no peito que transborda em forma de amor, por ser minha quase irmã mais nova e me mostrar o quanto é bom te ter por perto e o quanto é ruim quando tua pega as minhas roupas e não devolve.

Aos meus amigos e suas famílias que pude ter a honra de conhecer e também criar laços afetivos. Como a família Mendes Rosa, Ana, Dakini, vó Elsa, Thales e Danieli. Danii ou Danny ou Danielen que me ouviu reclamar as mazelas da faculdade e da vida por muito tempo, sempre me ajudando a segurar a barra entre

um copo de cerveja e outro, entre uma maratona de seriados ruins e piadas péssimas. Desde o começo da faculdade emprestando o computador para fazer trabalhos ou o ombro para choramingar. Também pelas risadas, comidas gostosas e gordurosas, sempre acompanhadas de um cochilo, pois somos o cansaço em forma de gente.

À família da minha amiga, comadre, Cassandra que sempre esteve por perto mesmo quando eu estava longe demais e precisávamos nos comunicar por cartas. Nossa amizade sempre foi regada de ideias brilhantes, música, conversas profundas e bebidas. A cada ano que passa temos mais cumplicidade e amor pela outra e isso só nos faz bem. A mãe dela, Eliane, que é uma pessoa maravilhosa, que sempre tá pronta pra ajudar, e faz uma das melhores carnes com batata que eu já comi na vida. Pelo afilhado lindo, Miguel, cheio de personalidade que me deu o prazer de acompanhar sua vinda a esse mundo desde a barriga e por compartilhar sua existência comigo.

Minha amiga Camila, pelos momentos que passamos juntas quando éramos companheiras de morada. Pelas noites tocando o terror em “Cassias”, as risadas ao assistirmos aos filmes podres que passavam no Corujão, pelas trocas de mensagens pra não sair do quarto pois estávamos com preguiça de levantar da cama. Pelas histórias boas e doloridas que construíram nossa amizade.

Luana por ser a Dora aventureira da minha vida, por ser uma das pessoas mais lindas rabugentas e incríveis que eu tenho o prazer de conhecer. Por seu espírito livre e desapegado de certas convenções que a nossa sociedade insiste em nos impor. E por me convidar e tentar me fazer inúmeras vezes acampar, mesmo eu dizendo que prefiro pousadas.

Aos meus amigos fabicanos que foi uma das melhores coisas que a UFRGS fez por mim, sem nenhuma dúvida conhecer certas pessoas foi o que me ajudou a permanecer em pé nessa caminhada árdua. Eu amo todos vocês, cada um com sua característica, sua personalidade, sua história: William por sua cretinice amável, pelas nossas manhãs de café e pão de queijo, pelo teu humor pesado e piadas venenosas, pelas danças e pela perseverança. Felipe por cada copo de cerveja, pela nossa sintonia no olhar, pelas festas, pelas ideias mirabolantes, sonhos delirantes e conversas longas, pela tua empatia. Hayane pela risada inconfundível, piadas ridículas, por ser uma durona amorzinho e “sapatônica”, pela tua força. Bruna pela risada escandalosa, pelas piadas idiotas e engraçadíssimas, por ser tão

escandalosa quanto eu, pela mulher incrível és e por ser a rainha fitness dos rolês, pela tua garra. Milena pelas madrugadas de séries, pelas viagens, pela comilança, pela confiança e conhecimento cervejístico, por ser determinada e não se abalar facilmente. Luana pelo amor a comunidade que pulsa no teu corpo, por buscar o melhor de ti sempre, saber de onde vem e onde quer chegar, pelas conversas sempre inspiradoras, pela tua simpatia. Marina por ser doce - às vezes -, por ser metade onda forte e metade mar calmo, por estar sempre marinando e ter um verbo só teu.

Ao Diogo, por ser um amigo querido, pelas risadas, por entender de semiótica, por me acolher no teu universo. Flávia pela risada, por ser tão linda e maravigold por dentro e por fora e me permitir fazer parte do teu mundo. Demétrio por ser meu amor rançoso paulista, pela tua força e persistência, pela tua dedicação, pelas risadas, abraços e choros, pela tua inteligência. Gabriela a guria mais sem memória e perdida que conheço, minha cachoeira forte, minha correnteza que sempre me puxa pra parte calma, que sempre mostra e tira melhor de mim, obrigada pela tua doçura e força. Ketlyn meu turbilhão, sempre preocupada – com quem merece -, a ventania que tira e coloca tudo no lugar. Kassiele minha flor maravilhosa, por todos os momentos de tensão divididos, pelas orientações particulares nesses últimos meses, pela empatia e por ter me permitido criar laços fortes de trocas e afetos.

Aos amigos Nilton (Niltinho) e Bruno durinhos do meu coração, rainhas do planetário e da minha vida Letícia pelas dicas na faculdade, Jonathas (Sequinho) por ser um bom pseudo diretor e um cancerianinho do amor. Fágner, Laiz e Dell por terem se tornado meus grandes amigos. Ingris minha drag preferida, rainha do brilho e das makes e Mara menina mulher da pele preta, a amiga psico fã dos “litrão”, xis de coração e tradutora de tuites.

Obrigada ao núcleo Beckett-We por ter me mostrado outro jeito de fazer teatro, por todas as vezes que me perdi em Canoas e os amigos que conquistei: Vanessa negra mulher dançarina e Rihanna dos pampas, Rafael o novinho performático, Jaison a debochada, Luciana a devedora de quentão e idealizadora desse fracasso maravilhoso, Thiago a fortaleza gay que, infelizmente, não enxerga sua própria força e determinação em viver, William a sedutora, Lilian a aventureira, e Fernanda, minha amiga ariana amorosa, vingativa, doce e rançosa. Valeu por cada costela deslocada, ladeira descida, piadas de chorar de rir, cada pronto socorro e

desmaio, cada perna presa embaixo da pia, cada sarjeta, cada fracasso, cada miada, cada conselho. Valeu tanto a pena tudo, só pelo fato de conhecer vocês.

A minha querida, sensível e compreensiva orientadora – e agora amiga -, Mônica, que por muitas vezes me ajudou a buscar o melhor de mim, mesmo quando eu não acreditava.

A todos que de alguma maneira estiveram próximos a mim e me ajudaram com uma conversa, uma cerveja, algumas risadas e histórias trocadas, obrigada. Queria fazer uma monografia só de agradecimentos, pois passaram e tenho pessoas incríveis a minha volta e sou muito grata por isso.

Por fim, agradeço imensamente aos que vieram antes, aos que virão, aos que não desistem. A mim que não desisti.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a representação midiática das protagonistas Olivia Pope (Kerry Washington) e Annalise Keating (Viola Davis) com relação aos seus cabelos naturais no contexto das séries *Scandal* e *How To Get Away With Murder*, respectivamente. Os objetivos específicos são: identificar como se dá a relação das personagens com seu cabelo no âmbito profissional e íntimo; e investigar a percepção do público sobre cenas em que as personagens aparecem com seus cabelos naturais. Como procedimentos metodológicos utilizamos: questionário, pesquisa bibliográfica, análise documental, análise de conteúdo e técnica projetiva. Por meio da análise teórica feita neste trabalho tivemos base para averiguar os resultados a partir da coleta de dados. Pudemos constatar a ligação do cabelo crespo com a fragilidade contida nas cenas analisadas, assim como a modificação das particularidades nas cenas em que as personagens estão com seus cabelos alisados.

Palavras-chave: Identidade racial. Cabelo crespo. Representação midiática. Scandal. How To Get Away With Murder

ABSTRACT

Olivia Pope (Kerry Washington) and Annalise Keating (Viola Davis) with their natural hair in the context of the series *Scandal* and *How To Get Away With Murder*, respectively. The specific objectives are: to identify how the characters interact with their hair in the professional and intimate environment; and investigate the public's perception of scenes in which the characters appear with their natural hair. As methodological procedures we used: questionnaire, bibliographic research, documentary analysis, content analysis and projective technique. By means of the theoretical analysis made in this work we had basis to ascertain the results from the data collection. We could see the connection of curly hair with the fragility contained in the analyzed scenes, as well as the modification of the particularities in the scenes in which the characters are with their hair smoothed.

Keywords: Racial identity. Curly hair. Media representation. *Scandal*. *How To Get Away With Murder*

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Tipos de cabelos e curvaturas	34
Figura 3 - Olivia, episódio Sweet Baby	59
Figura 4 - Olivia, episódio Randy, Red, Superfreak and Julia	60
Figura 5 - Olivia no cativoiro	62
Figura 6 - Olivia, episódio Watch Me	63
Figura 7 - Annalise, episódio Pilot	65
Figura 8 - Annalise, episódio Let's Get to Scooping	66
Figura 9 - Annalise, episódio Mama's Here Now	68
Figura 10 - Annalise, episódio I'm Going Away	69

Sumário

1 INTRODUÇÃO	11
2 IDENTIDADES CULTURAIS	17
2.1 A formação de uma identidade	17
2.2 Um olhar sobre raça.....	23
2.3 Uma questão de gênero?	29
2.4 Cabelos e coroas: os crespos que crescem em direção ao céu.....	32
3 NEGRA MULHER - INTERSECCIONALIDADES INVERTIDAS	36
3.1 Feminismo: um breve histórico	36
3.2 Negra mulher que pariu uma revolução: um olhar sobre Feminismo Negro	40
4 REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA	45
4.1 O que é essa tal de representação?.....	45
4.2 A mídia representa quem?.....	49
5 ANNALISE E OLIVIA: A ANÁLISE POR DETRÁS DOS PODER	54
5.1 Metodologia	54
5.2 <i>Scandal</i> e sua protagonista Olivia	57
5.2.1 Sweet Baby	58
5.2.2 Randy, Red, Superfreak and Julia	59
5.2.3 O cativo	61
5.2.4 Watch Me	62
5.3 <i>How To Get Away With Murder</i> e sua protagonista Annalise	63
5.3.1 Pilot.....	64
5.3.2 Let's Get to Scooping	65
5.3.3 Mama's Here Now.....	67
5.3.4 I'm Going Away.....	68
5.4 Entre Olivia e Annalise: uma breve descrição analítica	70
5.5 Perfil do público respondente do questionário	71
5.5.1 Fragilidade.....	74
5.5.2 Beleza / raça.....	76
5.5.3 Liberdade	77
5.5.4 Profissional	79
6.1.5 Outros	82
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83

1 INTRODUÇÃO

Este ano, mais especificamente no dia quinze de setembro aconteceu a segunda edição do *World Afro Day* ou Dia Mundial do Cabelo Afro, data reconhecida pelas Nações Unidas e pela UNESCO. Neste dia é celebrada a valorização do cabelo crespo, de suas características e possibilidades. Além de ser uma data para mostrar que não precisamos alisar ou prender os cabelos para sermos aceitas, mas que esses crespos são uma forma de resistência. Contudo, a edição deste ano trouxe dados não muito positivos sobre o mercado de trabalho, mulheres negras e cabelos crespos. Os dados mostrados na pesquisa falavam sobre como é difícil para a mulher negra conseguir emprego e respeito no ambiente de trabalho se usar seu cabelo natural, seja ele crespo, com tranças ou dreads.

No título deste trabalho temos a palavra curvatura, que nada mais é do que a classificação da curva dos fios dos cabelos. As curvaturas começam no 1ABC, passando pelos 2ABC e 3ABC terminando no 4ABC. Cada número seguido de uma letra corresponde a um tipo de cabelo, que começa nos cabelos lisos até chegar aos cabelos crespos. Sendo assim, os fios de curvatura 1A, 1B e 1C correspondem aos cabelos lisos; 2A, 2B e 2C correspondem aos cabelos ondulados; as curvaturas 3A, 3B e 3C são os fios cacheados e 4A, 4B e 4C correspondem respectivamente aos cabelos crespos. Quanto maior o número mais curvatura terá o cabelo. Este tema será mais bem explicado no subcapítulo sobre o cabelos.

Os cabelos crespos, principalmente com curvaturas mais acentuadas, sempre foram vistos como feios, exóticos, estranhos, aquele que não é “bom”. Músicas com trechos como “teu cabelo não nega mulata, porque és mulata na cor” ou “Nêga do cabelo duro, qual é o pente que te penteia?” ou “Nega não precisa nem falar, nega não precisa nem dizer que meu cabelo duro se parece é com você” foram sucesso entre os anos de 80/90 e até os dias de hoje são cantados em dias de carnaval ou lembrados em programas de rádios ou televisivos e em festas temáticas.

O tema escolhido para este trabalho de conclusão de curso faz parte da minha história, é parte importante e significativa da negra mulher que sou, que me tornei. É a parte mais dolorida e ao mesmo tempo a que mais me ensinou a ser a pessoa que sou hoje, consigo me olhar no espelho e tocar no meu cabelo natural

sem ter vontade de chorar de raiva ou questionar aos céus o porquê do castigo de ter nascido com este cabelo, que não é o “padrão”.

Lembro-me de olhar minhas amigas brancas, e as negras com cabelo cacheado ou crespo com cachos mais abertos e “maleáveis” e pensar: por que meus cabelos não poderiam ser assim? Olhava minha mãe que tinha os cabelos mais finos e com cachos abertos e queria muito ter o cabelo igual ao dela. Esse sofrimento, para uma criança que estava entrando na adolescência, só aumentava, e para tentar amenizar a dor, comecei a alisar os cabelos. Na infância usava apenas tranças, mas aquilo não me contemplava mais, era penteado de criança. Queria fazer penteados de revista como minhas colegas de escola, queria que os meninos da minha sala mexessem nos meus cabelos como faziam com minhas amigas. Queria ser elogiada pelo brilho, pelo balanço; queria que os olhares positivos viessem, e as “piadas” parassem. Queria ser bonita, e não a menina feia do cabelo duro; queria ser a menina do penteado rabo de cavalo ou a menina que o vento brincava em seus cabelos, mexendo-os, descabelando. Uma franja que caísse em meus olhos já me faria sentir como se eu fosse parte da sociedade dos fios de cabelos mais belos do mundo. E, para isso, não media esforços. Passei por inúmeros processos como pente quente, que queimavam minha testa, ou químicas que queimavam meu couro cabeludo e faziam minha raiz escamar. Foram várias quedas de cabelo - o famoso corte químico. Foram muitas lágrimas derramadas durante um procedimento e outro, até o momento em que eu percebi que eu merecia mais que aquilo. Que eu não merecia mais sentir dor para me sentir aceitável - sim, aceitável. Eu nunca me senti bela.

Até o momento de descoberta e afloramento de uma força que eu nem sabia que tinha, passaram-se anos. Um dos últimos processos químicos que fiz nos cabelos foi um permanente, um procedimento que faz cachos nos cabelos, principalmente, pasme, nos cabelos crespos, afro. O permanente deve ser retocado periodicamente. Como se tornava cada vez mais caro, comecei a procurar na internet novas alternativas para cachear os cabelos. Foi então que encontrei vários canais na internet de meninas e mulheres negras que estavam fazendo o *Big Chop* ou o Grande Corte, que consiste em cortar o cabelo e retirar toda, ou boa parte, da química presente nos fios e deixá-los naturais. Ao ouvir e ver relatos de meninas com autoestima elevada, que atravessaram altos e baixos, eu comecei a pensar em também passar por isso, e me aceitar como sou. Não consegui fazer o Big Chop,

mas fui cortando o cabelo na medida em que ele ia crescendo. Foram elas, no entanto, que me fizeram perceber a importância de olhar através da minha baixa autoestima.

Mesmo com uma grande inspiração dentro de casa, foi como estudante de comunicação e futura comunicóloga que me aprofundei em leituras, conheci negras mulheres incríveis em minha trajetória e pude perceber que a mídia, como um todo, junto com o racismo, vendou meus olhos para que não pudesse enxergar o potencial de cada fio crespo que cresce em minha cabeça. Mesmo após entender que meu cabelo é bom, que não tem nada de errado em usá-lo ao natural - não estamos aqui para julgar quem tem química em seu cabelo, cada um faz a escolha que melhor lhe satisfaz -, ainda vejo e sinto o racismo vestido de olhares julgadores diretamente para meu “jeito” de ser, principalmente em ambientes tidos profissionais.

Segundo estudo do IBGE de 2016, as mulheres trabalham cerca de 73% mais horas que os homens, considerando 30 horas semanais, porém, ganham apenas $\frac{3}{4}$ do que os homens de mesmo cargo. Quando este recorte é mais aprofundado, e com marcadores como escolaridade e raça, identifica-se que 23,5% das mulheres brancas têm ensino superior, contra apenas 10,4% de mulheres que se consideram pretas ou pardas. Se as mulheres, em geral, ganham em cerca de $\frac{3}{4}$ a menos que os homens entende-se que mulheres negras ganham menos ainda, pelas mesmas funções.

Mesmo com a transição capilar estando cada dia mais em pauta nas mídias, entre as famosas, nas redes sociais, ainda assim, como citado anteriormente, percebemos olhares de desdém e desgosto pela escolha de usar o cabelo crespo natural. Dados da pesquisa feita nos Estados Unidos da América, pelo *Perception Institute*, para o estudo *The Good Hair*, em 2017, usada na campanha intitulada “Mude os fatos. Não o afro” deste ano, corroboram a afirmativa acima com dados alarmantes sobre a aceitação do cabelo afro no ambiente de trabalho. A pesquisa aponta que apenas 37% das mulheres negras se sente bem usando cabelo afro em eventos profissionais; 78% das pessoas instintivamente preferem cabelos lisos; Uma em cada cinco mulheres negras sentem pressão social para alisar o cabelo para ir trabalhar e apenas 27% das mulheres negras se sente bem usando *dreads* em eventos profissionais.

Conseguimos analisar que a inserção no mercado de trabalho para a negra mulher, vai além de sua escolaridade, pois também tem a ver com a sua aparência. Se negras mulheres não conseguem estar em ambiente profissional por causa de seus cabelos, e por sua aparência são taxadas como menos profissionais, notamos que, neste caso, o racismo está diretamente alinhado a estes dados. Sabemos que o mercado “formal” de trabalho não está preparado para peles negras, muito menos para cabelos afros - apenas para cabelos lisos e peles brancas.

Diante disso, o nosso corpus de estudo serão as personagens Annalise Keating, da série dramática televisiva *How to Get Away With Murder (How To Get Away)*, assinada pela produtora executiva Shonda Rhimes, mulher negra, e criada por Peter Nowalk, homem branco; e a personagem Olivia Pope, da série com viés político *Scandal*, essa produzida e criada por Shonda Rhimes. As duas séries são exibidas pela emissora ABC, assim como, fazem parte do catálogo de séries da plataforma de assinatura de TV por internet, Netflix.

As duas séries contam com protagonistas negras, com temperamento forte, bem sucedidas, com carreiras consolidadas, porém com uma vida amorosa bem tumultuada. Tanto Annalise quanto Olivia, mesmo que com uma diferença de idade aparente, são vistas como mulheres empoderadas, de pulso firme e que, por vezes, amedrontam tanto seus adversários como seus clientes e funcionários. Mesmo assim, as duas têm pontos fracos. Ambas têm problemas com seus pares amorosos na trama, são traídas e traem, não têm uma relação muito boa com a família. Mas, o que podemos perceber nas entrelinhas, e com um olhar mais aprofundado, é a dificuldade de ser uma negra mulher de sucesso e, mesmo assim, ter a necessidade de usar os cabelos dentro dos padrões eurocêntricos para adentrar em alguns espaços de poder. Abordaremos mais sobre as séries no quinto capítulo.

A partir da reflexão sobre narrativas midiáticas como esta, percebemos que os cursos de Relações Públicas e Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Rio Grande do Sul estão cada vez mais formando pessoas negras com vontade de escrever sobre suas angústias e deixar marcas na história dessa universidade - de ensino público, mas que, mesmo assim, ainda é muito elitista. Apesar das cotas, ainda temos alunos e professores com pensamentos totalmente díspares mesmo sendo eles, também, cidadãos que usufruem de toda a infraestrutura de um ambiente pleiteado pelo Governo Federal, com o dinheiro público advindo de impostos pagos pela sociedade. Muitos deixam, por vezes, suas

máscaras de cidadãos de bem caírem e destilam seu racismo nos corredores, nos escritos nas paredes dos prédios e até mesmo em suas falas em sala de aula, sempre vestidas de opiniões.

Porém, um movimento de negras mulheres vem contando e contextualizando a nossa história negra, através do olhar de pessoas negras. Sendo assim, este trabalho não poderia deixar de ter como referencial teórico e inspiração as monografias de Juliana Balhego, Luana Daltro, Milena Rosa e Gabriela Seixas, negras mulheres potencializadoras do saber negro que escreveram sobre temáticas que auxiliaram na construção deste trabalho de conclusão.

Ao se pensar as diferentes possibilidades de construção de uma pessoa, sabemos que sua história é parte importante nessa estruturação de conhecimento de si. E para que haja, de fato, uma criação de si mesmo, é preciso entender de onde veio, o que se é, como se está inserido na sociedade, e de quê sociedade se faz parte. Por isso, neste trabalho, utilizaremos – por vezes - o termo *negra mulher*, pois entendemos que uma mulher negra é vista antes como negra, para depois ser compreendida como mulher. Se, para Simone de Beauvoir, a mulher não nasce mulher, mas torna-se uma, para a mulher negra, antes de tornar-se mulher, ela precisa entender-se negra - pois, sem esse primeiro entendimento, ela não consegue se inserir na sociedade de uma maneira emancipada. Sempre haverá uma parte dela que não estará resolvida, que não conseguirá compreender o porquê de certas situações, e isso só poderá ser entendido quando perceber que nem tudo será apenas pelo seu gênero, mas também terá como agravante sua cor/raça.

Visto isso, e tendo em mente uma inquietude pessoal acerca do assunto, esta monografia tem como objetivo principal analisar a representação midiática das protagonistas Olivia Pope (Kerry Washington) e Annalise Keating (Viola Davis) com relação aos seus cabelos naturais no contexto das séries *Scandal* e *How To Get Away With Murder*, respectivamente. Como objetivos específicos, nos propomos:

- a) Identificar como se dá a relação das personagens com seu cabelo no âmbito profissional e íntimo;
- b) Investigar a percepção do público sobre cenas em que as personagens aparecem com seus cabelos naturais. .

Sendo assim, e partindo da premissa que iremos tratar nesse trabalho de conclusão de curso sobre negras mulheres, no segundo capítulo trabalharemos com a perspectiva de identidades, por isso no subcapítulo 2.1 trataremos com Hall sobre

identidades culturais e suas complexidades como identidade e diferença; no subcapítulo 2.2 mostraremos a concepção de raça e a diferença de etnia; já no subcapítulo 2.3 vamos discorrer sobre a diferença entre gênero e sexo, a fim de entender gênero e no subcapítulo 2.4, usamos como base hooks e Hamburger; e no subcapítulo sobre cabelos crespo e sua representatividade, usamos bell hooks e Jacoub, entres outras autoras.

No terceiro capítulo nos debruçamos sobre feminismo. No subcapítulo 3.1 falaremos sobre o começo do feminismo desde as sufragistas pelas teorias de Scott e Nicholson; para feminismo negro utilizamos os estudos de bell hooks¹ no subcapítulo 3.2 , assim como outras autoras que possam nos embasar sobre a temática.

Para falarmos sobre representatividade, mais uma vez vamos nos ancorar nos escritos de Hall, por este motivo no quarto capítulo buscamos entender o que é representação, no subcapítulo 4.1. discutiremos o que é a representação através do olhar de autores como Hall e Silva; já no subcapítulo 4.2., com o olhar para o papel da mídia e as repercussões que tem a representação do corpo negro.

Os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento dessa pesquisa serão abordados no quinto capítulo, no subcapítulo 5.1, em que abordaremos cada uma das partes da metodologia: questionário, pesquisa bibliográfica, análise documental, análise de conteúdo e técnica projetiva. No subcapítulo 5.2 e 5.3 apresentaremos a série *Scandal* e a série *How To Get Away*, respectivamente, também apresentaremos as cenas estudadas de cada série. No subcapítulo 5.4 mostraremos os perfis dos respondentes do questionário online. No subcapítulo 5.5 abordaremos a séries e s percepções do público respondentes. Por fim, chegamos às considerações finais e referencial teórico que compuseram essa monografia.

¹ bell hooks é o pseudônimo da escritora norte-americana Gloria Jean Watkins. O nome é grafado com letra minúsculas, pois a autora quer suas obras chamem atenção e não ela.

2 IDENTIDADES CULTURAIS

Neste capítulo iremos apresentar as identidades culturais pelo olhar de Stuart Hall. Transcorreremos sobre como se dá a criação dessas identidades e seus diferentes modos de manifestação. No subcapítulo 2.2 mostraremos a concepção de raça e a diferença de etnia; já no 2.3 vamos discorrer sobre a diferença entre gênero e sexo, afim de entender gênero e no subcapítulo 2.4, usamos como base hooks e Hamburger; e no subcapítulo sobre cabelos crespo e sua representatividade, usamos bell hooks e Jacoub, entres outras autoras. Estes conceitos são de fundamental importância, uma vez que o nosso objeto de análise contempla a atenção a negras mulheres.

2.1 A formação de uma identidade

Entende-se identidade como algo único, diferente e absoluto, é a particularidade de cada sujeito, particularidade de uma comunidade. Já Cultural é alusivo a cultura, vem de “saber”, é um conjunto de comportamentos. Logo, juntando as duas palavras e seus conceitos, conseguimos compreender que Identidade Cultural é a representação do sujeito em determinada sociedade, ou seja, é a soma das características de um povo. Ela é diretamente influenciada, entre outras coisas, pelas questões de gênero, raça, crenças, nacionalidade e etnia. Castells afirma que entende identidade como (1999, p. 22) “[...] o processo de construção de significado com base em atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”.

Hall (2016) discorre sobre identidade cultural na modernidade tardia discutindo a decadência das velhas identidades, que consolidaram o mundo social, fazendo manifestar-se novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado. Segundo Hall (1999, p.7):

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais da sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 1999, p.7)

Isso seria resultado da globalização sentida pelo indivíduo, “onde as identidades modernas estão sendo “descentradas”, ou seja, deslocadas ou

fragmentadas” (HALL, 1999, p. 8). Essa fragmentação também influencia estruturalmente nas mudanças das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, isso acaba por transformar a noção de identidade corroborando com a “crise de identidade”.

Visando compreender os estudos de identidade, Hall (1999) classifica o sujeito em três momentos de transição: o sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo é um ser totalmente centrado, unificado com grande competência das capacidades racionais (com habilidade para razão, consciência e ação), esse núcleo interior surgia no nascimento e ao longo de sua vida ia se desenvolvendo. Porém sua essência é imutável, permanece essencialmente o mesmo indivíduo no decorrer de sua existência. Um ponto de vista muito individualista do sujeito, pois conclui que ele nasce com sua identidade formada, completa.

O conceito de sujeito sociológico vem em parte na contramão de sujeito do Iluminismo, pois este é passível de mudanças, não vem ao mundo com sua identidade pronta, forma sua identidade ao longo da vida. Seu núcleo interior é construído através do relacionamento com outras pessoas que intercedem na sua vivência com cultura (ou seja, valores, sentidos e símbolos) logo, não é autônomo ou autossuficiente. Desse modo, é uma criação de uma identidade interativa entre o eu e a sociedade, onde o sujeito é formado e modificado através da comunicação com mundos culturais externos, assim a sua identidade preenche a lacuna entre o mundo pessoal (interior) e o mundo público (exterior). Isto é, a identidade do sujeito ideológico o costura à estrutura, estabilizando o sujeito e o mundo cultural que ele habita.

Já o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, a identidade é determinada historicamente e não biologicamente, assim ela é alterada continuamente. Sendo assim, o sujeito pós-moderno pode assumir identidades distintas em diferentes momentos, tendo inclusive, dentro de si, identidades contraditórias e múltiplas. Isso é resultado da multiplicação dos sistemas de significação e representação cultural ao quais os sujeitos estão expostos, o confronto com a diversidade de identidade possível, com as possibilidades de identificação de cada uma, mesmo que temporariamente, torna a ideia de identidade estática e unificada, uma completa fantasia.

Distinguir essas concepções que Hall atravessa auxilia a entender nosso objeto, pois sua identidade transmuta a cerca da sociedade em que está incluída,

As sociedades da modernidade tardia [...] são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” - isto é identidades - para os indivíduos. (HALL, 1999, p.17)

Annalise e Oliva, personagens da ficção aqui usadas como objeto de estudo, são indivíduos que conseguem se remodelar no lugar de negras mulheres onde se encontram. Por vezes seus cabelos são deixados à mostra - parte do seu mundo interno. Porém, na maior parte do tempo, seus cabelos são modificados ou encobertos para que possam se inserir no mundo externo. Sendo assim, elas assumem diferentes identidades ao longo de suas vidas, e até mesmo durante seu dia.

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de *diferença*. (HALL, 1999, p.21)

Os indivíduos podem ter identidades múltiplas (CASTELLS, 1999), e essa gama de possibilidades pode causar um tensionamento até, por vezes, contraditórios na auto-representações e na ação deste sujeito. Com isso, é importante determinar que entre a identidade e a diferença, que os sociólogos chamavam de papéis - normas estruturadas pela sociedade - há distinção. O autor ainda pauta que identidades “constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por um processo de individuação”. Para Silva (2013) identidade é o que se é, ou seja, uma característica como ser negra, mulher, jovem. Entende-se como uma referência de si mesmo. Já a diferença, como contraposição de identidade, é o olhar para o outro. E pondera,

Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis. Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define diferença. (SILVA, 2013, p.75)

Sendo assim, a noção de identidade está intrinsecamente ligada ao contexto da diferença, entendendo que identidade se distingue pelo que ela não é. Visto que,

identidade é uma construção, e não algo concreto e definitivo, Hall (1999, p.39) discorre,

[...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto na plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. (HALL, 1999, p.39)

Silva (2013) percebe identidade e diferença como consequência de atos de criação, pois elas precisam ser construídas. Não são seres do mundo natural ou transcendental, mas sim criaturas do mundo cultural e social.

Utilizando os estudos de Jacques Lacan, Hall (1999) expõe que a relação da criança com os sistemas simbólicos que a permeiam começa pela criação do eu no olhar do “outro”. Sua entrada nos sistemas de representação simbólica como a língua, a cultura e a diferença sexual, se estabelecem a partir da sua infância. A relação com estes símbolos, podem desencadear sentimentos internos divergentes e não resolvidos que configuram aspectos-chave da formação inconsciente do sujeito que acabam deixando o sujeito dividido. Contudo, mesmo que o sujeito esteja dividido, ele vive sua própria identidade como se esta estivesse unificada, completa. E é esse, em conformidade com o pensamento psicanalítico, o cerne contraditório da identidade.

A identidade se forma no decorrer do tempo por intervenção de diversificados processos inconscientes do sujeito, e não como algo presente desde o nascimento. Por isso, Hall (1999) aponta o processo de identificação como melhor expressão, ao invés de exaltar a identidade enquanto plenitude. Mesmo não se utilizando do termo identificação, Castells (1999) corrobora com Hall ao discorrer que “a construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso.” (CASTELLS, 1999, p. 23)

Após entender os conceitos de sujeitos e identidades e suas mudanças através da modernidade tardia e a pós-modernidade, Hall traz ao embate esse sujeito fragmentado para a noção de identidades culturais que o atravessam. Hall (1999, p. 47) esclarece que “no mundo moderno, as culturas nacionais em que

nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”, ou seja, a partir das culturas nacionais nos identificamos aos outros como forma de nos definirmos - ingleses, galeses, indianos, jamaicanos - porém essas identidades não são parte de nossos genes. Contudo, elas são consideradas como parte de nossa natureza essencial, para que possamos nos identificar como parte de uma coletividade. Sendo assim, identidades nacionais não é uma parte com a qual nascemos, mas é construída e transformada no âmago da representação,

[...]sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” (*Englishness*) veio a ser representada - como um conjunto de significado - pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos - um *sistema de representação cultural*. (HALL, 1999, p. 49)

Constituir uma cultura nacional colaborou para formar padrões de alfabetização e, assim, difundiu uma língua única, gerando uma cultura uniforme mantendo as instituições nacionais. Pode-se pensar aqui no contexto nacional, no apagamento da cultura indígena em detrimento de uma cultura nacional e língua oficial brasileira. Além do branqueamento das culturas negras e indígenas que não são contadas, pois há de se ter no país uma unificação e homogeneização das identidades nacionais que só são válidas quando brancas,

Uma cultura nacional é um *discurso* - um modo de construir sentido que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmo [...]. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que nela são construídas. (HALL, 1999, p. 51)

Sendo assim, a identidade cultural é uma comunidade inventada, idealizada, imaginada. Alguns elementos que a sustentam é a *narrativa da nação*, como as histórias são contadas, os símbolos, cenários, os episódios históricos, os rituais que simbolizam e representam as experiências partilhadas. É a partir da narrativa que nos vemos como parte dessa comunidade imaginada, “ela dá o significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após a morte. (HALL, 1999, p. 52)

Como é vista a Semana Farroupilha - semana que se comemora a Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos - quando as pessoas montam piquetes² por todo o estado do Rio Grande do Sul e vivenciam uma semana de tradições como se vivessem parte da história, no desfile tradicional do dia vinte de setembro são encenadas parte de uma guerra que aconteceu há mais de 100 anos atrás.

O autor destaca um ponto importante que é a exaltação das *origens*, a *continuidade*, a *tradição* e a *intemporalidade*. Assim como é visto nas comemorações a revolução Farroupilha, mesmo sabendo que a história que se conta não é de totalmente verdadeira, que a guerra não foi vencida, que houve trapaça e deslealdade, mesmo assim continuam sustentando uma falsa narrativa, “os elementos essenciais do caráter nacional permanecem imutáveis, apesar de todas as vicissitudes da história. Está lá desde o nascimento, unificado e contínuo, “imutável” ao longo de todas as mudanças, eterno.” (HALL, 1999, p. 53)

O terceiro método é chamado *invenção da tradição*, ou seja, é arquitetada uma tradição para dar significado a algo, para que faça sentido, Podemos pensar na “obrigação” de ser batizado. Mesmo pessoas de outras religiões que não católicas batizam seus filhos para que os mesmo possam entrar no reino de Deus, pois foi assim que foi dito, não há provas que isso seja o passaporte para a eternidade, porém foi falado e é seguido até os dias de hoje por muitas pessoas,

Tradição inventada significa um conjunto de práticas..., de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado (HALL, 1999, p. 54)

O *mito fundacional*, tem como mote o início de tudo, a gênese da nação. A história contada de um tempo ficcional e não real, um tempo mítico. Uma narrativa que precisa de uma justificativa pautada na invenção de saberes alegóricos, como as histórias de Zeus e os deuses do Olimpo ou os faraós e as pirâmides do Egito “tradições inventadas tornam as confusões e os desastres da história inteligíveis, transformando a desordem em ‘comunidade’ ” (Hall, 1999, p. 55).

Pode também ser figurativamente pautada na ideia de *povo* ou *folk puro*, *original*. Como o conhecimento errôneo da história do Brasil ter sido descoberto por

² na tradução literal é um pequeno poteiro, ao lado da casa, onde se põe ao pasto os animais utilizados diariamente. Atualmente também é usado para referir-se uma espécie de casa ligada as tradições gaúchas, feita de madeira, que serve para reunir amigos e familiares.

portugueses e não ter sido, desde os primórdios, habitado pelos índios que aqui já estavam quando chegaram os portugueses desbravando novas terras. Hall (1999, p. 55-56) afirma que “nas realidades do desenvolvimento nacional, é raramente esse povo (folk) primordial que persiste ou que exercita o poder”. Essa manifestação da identidade nacional, tem em sua essência uma espécie de resistência de hesitação, pois ao mesmo tempo que olha para o passado almeja o futuro, a modernidade.

De forma geral, Hall identifica que a cultura nacional tem com ideal de uma comunidade imaginada as *memórias* do passado, o *desejo* por vivenciar o futuro e a preservação da *herança*, assim, pretende com os sujeitos “unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (1999, p. 59), e ainda acrescenta que é importante pensar as culturas nacionais como,

[...] constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. Entretanto - como nas fantasias do eu “inteiro” de que fala a psicanálise lacaniana - as identidades nacionais continuam a ser representadas como *unificadas*. Uma forma de unificá-las tem sido a de representá-las como a expressão da cultura subjacente de “um único povo” (HALL, 1999, p. 62)

Por fim, compreendendo, o que são identidades culturais partimos para as discussões a cerca de raça e gênero nos próximos subcapítulos.

2.2 Um olhar sobre raça

Para um primeiro momento, antes de nos debruçarmos sobre identidade racial precisamos fazer uma distinção entre raça e etnia para melhor entendimento. Do grego *ethnos*, etnia refere-se às características que unem um determinado povo com costumes culturalmente hegemônicos. Para Hall,

A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais - língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” - que são partilhadas por um povo. É tentador, portanto, tentar usar a etnia dessa forma “fundacional”. Mas essa crença acaba, no mundo moderno, por ser um mito. (HALL, 1999 p. 62)

Hall (1999) entende que não há como a etnia na modernidade ser considerada como única, pois as nações não são mais “puras”, nem formadas por

um único povo - elas são todas híbridas culturais. Já, raça, do ponto de vista da biologia, serve para hierarquizar os seres vivos - raça superior e raça inferior - e distinguir as espécies de animais. Porém, raça na perspectiva do olhar cultural e social,

[...] é uma categoria *discursiva* e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas - cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. - como *marcas simbólicas*, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (Hall, 1999, p. 63)

Sendo assim, raça e etnia não são sinônimos. Partimos então, de fato, para explanação sobre identidade racial. Oliveira (2004) descreve identidade racial/étnica como sendo um “sentimento de pertencimento a um grupo racial ou étnico, decorrente de construção social, cultural e política.” Corresponde à história de vida e ao entendimento obtido perante as orientações sociais raciais ou étnicas, racistas ou não, de uma determinada cultura (OLIVEIRA, 2004).

Pensando sobre a ótica do nosso objeto, que está inserido num contexto norte-americano, devemos situar que a relação de identidade racial no Brasil é diferente da noção estadunidense, cenário territorial onde as séries são ambientadas. Após a abolição da escravatura, no Brasil se adotou a política pró miscigenação, onde o branqueamento da população era vista como um acontecimento importante e evolutivo para a sociedade, e não como parte de uma eliminação silenciosa da população negra. Podendo ser essa extinção física ou social, um apagamento do ser negro. Já nos EUA, a direção que se tomou foi a criação de uma segregação racial respaldada pela lei, separando negros e brancos, assim essa discriminação possibilitou que se delimitassem espaços para os brancos, entendidos como seres humanos, e para os negros, a raça inferior.

Em nossa cultura essa tentativa de apagamento ficou conhecida como o mito da democracia racial, que diz que todos os indivíduos são iguais e que não há separação racial, pois toda a sociedade é fruto da miscigenação, logo, todos seríamos um só indivíduo, com uma única identidade, uma nação unificada, como Hall (1999) já havia nos sinalizado. Segundo Dávila (2010), o autor Gilberto Freyre é um dos principais autores que afirmava que a democracia racial existia, enaltecia os portugueses como indivíduos capazes de se relacionarem bem com todos os povos,

logo as sociedades por eles colonizadas não tinham propensão ao racismo. Assim em seu discurso no Gabinete Português de Leitura, Freyre (1966)

Meus agradecimentos a quantos, pela sua presença, participam este ano, no Rio de Janeiro, da comemoração do Dia de Camões, vindo ouvir a palavra de quem, adepto da "vária cor" camoneana, tanto se opõe à mística da "negritude" como ao mito da "branquitude": dois extremos sectários que encontrariam a já brasileiríssima prática da democracia racial através da mestiçagem: uma prática que nos impõe deveres de particular solidariedade com outros povos mestiços. Sobretudo com os do Oriente e os da Áfricas Portuguesas. Principalmente com os das Áfricas negras e mestiças marcadas pela presença lusitana. (FREYRE, 1966 apud DÁVILA, 2010, p. 165)

Freyre acreditava fielmente na ideologia da democracia social, que depois ficou conhecida como mito da democracia racial, para ele não havia casos de preconceito devido a cor. Quanto ao mito da democracia, Munanga citado por Cardoso, dirá que

O mito da democracia racial, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a idéia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não-brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade. Ou seja, encobre os conflitos raciais, possibilitando a todos se reconhecerem como brasileiros e afastando das comunidades subalternas a tomada de consciência de suas características culturais que teriam contribuído para construção e expressão de uma identidade própria. Essas características são "expropriadas", "dominadas" e "convertidas" em símbolos nacionais pelas elites dirigentes (MUNANGA, 2004 apud CARDOSO, 2008, p. 44-45).

Devemos entender que o mito da democracia racial perpassa o não reconhecimento do outro enquanto raça, não podemos deixar de perceber que durante todo o momento de discussão de raça, o único ser racializado foi o não branco, enquanto o branco não se vê como raça já que nunca foi necessário. Assim, ele se coloca superior ao outro que deve e pode ser estudado, enquanto ele tem sua identidade construída a ponto de não se ver como outra coisa senão branco. Fanon (2008, p. 90) explicita que " a inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter a coragem de dizer: *é o racista que cria o inferiorizado.*"

Colocar raça como foco central é bem mais difícil que se poderia esperar, mas se faz necessário, reconhecer sua complexidade é importante para analisar os

efeitos que ela tem em nosso dia a dia. Como vimos, raça é uma construção e não um simples grupo biológico. E essa compreensão que devemos rever ao destacar as realidades que diferenciam os indivíduos historicamente e em termos de poder.

Para isso precisamos entender que é necessário falar das pessoas brancas enquanto raça, que elas também precisam ser racializadas. O estereótipo de ser humano padrão, perfeito, que só coloca o outro em estado de estudo, pois este é visto como inferior, é um privilégio restrito aos brancos.

Contudo, para conhecimento, branquidade ocupa-se com a preocupação de dizer-se branco, de ostentar pureza de sangue. Já branquitude à identidade racial branca, a branquitude se molda, é um lugar de privilégios simbólicos que contribuem para construção social e propagação do preconceito racial, discriminação racial e racismo. Segundo Jesus que cita Edith Piza,

[...] branquitude passa a ser discutida como um estágio de conscientização e negação do privilégio vivido pelo indivíduo branco que reconhece a inexistência de direito a vantagem estrutural em relação aos negros. Já a nomenclatura branquidade, toma o lugar que até então dizia respeito a branquitude, para definir as práticas daqueles indivíduos brancos que assumem e reafirmam a condição ideal e única de ser humano, portanto, o direito pela manutenção do privilégio perpetuado socialmente. (PIZA, apud JESUS, 2012, n.p)

Ou seja, a branquidade sempre se viu fora da vida em sociedade, se colocando fora da bolha da esfera racial, Feres Júnior (2015, p. 113) entende que enquanto o branco é aceito como indivíduo de um todo, pertencente ao universo e por isso não racializado, o não branco é essencialmente percebido com um ser racializado e parte de um coletivo, sem particularidades. Segundo Feres Júnior ao citar Phoenix (2015, p 113),

[...] os brancos não assumem uma identidade racializada, não identificam a discriminação racial nas relações sociais e falam de valores como liberdade e igualdade de maneira idealizada. Contudo, os negros são vistos por eles como uma categoria generalizante e ameaçadora. (PHOENIX, 1996 apud FERES JÚNIOR, 2015 p. 113)

De acordo com bell hooks citada por Giroux (1999, p. 104) os brancos não conseguem ver os negros como sujeitos políticos. A branquidade sequer é capaz de se ver enquanto parte de um imaginário de terror para os negros, “tampouco os brancos, presos em suas próprias fantasias raciais de assassinato e estupro, reconhecem que, na imaginação negra, a branquidade frequentemente está

associada ao terror”. Os brancos veem apenas os negros como ameaça, mas se esquecem que foram os seus que idealizaram e colocaram em prática a escravidão, assim como o ideal de raça superior, até que virou um ser tão acima dos não brancos que não precisam mais se enxergar como raça.

O privilégio é tanto que conseguem embranquecer nossos orixás. Um exemplo é o modo como retratam Iemanjá, uma entidade da religião afro brasileira sendo retratada como uma mulher branca, curvilínea de cabelos lisos e negros. Os olhares míopes da prepotência branca são reproduzidos em formato de filmes e novelas sobre Egito com maioria de atores brancos, contudo, não podemos esquecer do grande e primeiro milagre da brancura que é Jesus Cristo, que nasceu no continente Africano, porém é representado como um homem branco, de cabelos claros - quase loiro - de olhos azuis em imagens, quadros, etc. Ou seja, eles são os maiores detentores de histórias, sua árvore genealógica sempre é conhecida, tem nas mãos grande parte da arte e do poder institucional deixando ao outro pouco ou nada de sua história pra contar através do olhar dos seus. Mesmo existindo no imaginário do não branco como um ser não confiável, principalmente se for homem, os brancos ainda conseguem ser audaciosos ao manter o alerta de medo para a negritude. Colocando no outro uma culpa que não lhe cabe.

Em tempo, Jesus cita Munanga (1986) ao escrever sobre negritude “um dos objetivos fundamentais da negritude era a afirmação e a reabilitação da identidade cultural, da personalidade própria dos povos negros” (MUNANGA, 1986 p. 02). Segue observando que negritude pode ser entendida tanto como um pensamento ideológico quanto formação mitológica. Todavia, Jesus reforça quando Piza transcorre que negritude,

foi um termo utilizado pelo movimento negro das décadas entre 20 e 30, que reivindica a inclusão do negro na sociedade branca através da negação de sua origem e por um comportamento ditado e aprovado por brancos. Negritude refere - se a "parecer" branco para ser aceito entre brancos (PIZA, 2005, apud JESUS 2012, n.p).

Ou seja, nada mais é que uma maneira de branqueamento da população negra para aceitação sua e da sociedade em que habita assim ele pode ser enxergado - com o aval do branco - como um *ser* no mundo.

Por ser um poder representativo, o silêncio da branquitude perante a branquitude lhe dá forças, assim essa última, segue mantendo-se hegemônica.

Assim, porquanto os sujeitos brancos que admitem que a supremacia branca não deveria existir continuarem com discursos inexistentes, a voz daqueles brancos que consideram a branquidade como requisito para um ser humano único será mantida e cada vez mais escutada. O resultado disso é um “branqueamento” da população negra, para conseguir se encaixar nos padrões de ser humano, pois estes entendem ser a única forma de inserção social.

Esses pensamentos e atitudes impossibilitam os não brancos de conceber uma identidade negra positiva, uma criação de um consciente coletivo e individual de valores, de uma nova consciência de si. Entretanto, o contrário acontece e se perpetuam estereótipos negativos de si e do ambiente em que vive. Ou seja, essa hierarquia superior a todas as pessoas não brancas, faz com que a branquidade além de não se colocar como raça de estudo - os brancos estudam os negros, mas não consegue se entender enquanto objeto de estudo - crie entraves para que o outro não atinja o mínimo de dignidade, a condição humana.

Essa insensibilidade da branquidade é um dos motivos pelos quais os brancos conservam o racismo, pois lhes é cômodo. Notam-se e se experienciam como fossem o Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci, que é a medida correta para tudo, a simetria perfeita de ser humano, o meio do todo. Vendo assim, conseguimos compreender que se o homem branco é o centro, o que está ao redor está do lado de fora, os não brancos.

A presença do grupo branco enquanto representante da humanidade e da cidadania na nossa sociedade pode ser explicada, em grande parte, pela representação saturada e hegemônica desse grupo nos aparelhos ideológicos do Estado. Ideológica, não concreta, essa representação constitui-se em realidade para a maioria dos sujeitos expostos a essa representação saturada, ou seja, o próprio grupo branco e os demais. (SILVA, 2007, p. 94)

Um exemplo disto - desta centralização, deste umbigo do mundo e o não olhar ao outro - é quando as pessoas brancas dizem sofrer racismo reverso, visto que não existe. Pois conclui que já que também são entendidos como raça - quando lhes convém - nada mais justo que também se identificarem com as mazelas sofridas pelas pessoas negras, pois entendem que é isso que os negros querem, comparação. A autoestima do colonizador é tamanha, que não entende o outro com direitos iguais, que quer ser sentido como parte da humanidade, mas sim como um ser ambicioso, que cobiça seu umbigo do mundo. Muitas pessoas brancas para

respaldar suas afirmações “admitem” ter sangue negro, se dizem miscigenados ou até dizem que não há raça - todos esses esforços de não se posicionar como ser racializado - na tentativa de não perder o poder que sua identidade, indivíduo branco, tem. Jesus cita Piza (2005) que entende que mesmo a árduos passos, a branquitude pode se opor a branquidade para que essa crie uma nova estrutura de se ver e se pensar no mundo, questionando conscientemente seu papel na luta contra o preconceito e discriminação levando a uma ação política antirracista.

Posto isto, sugere-se que branquitude e branquidade sejam trabalhadas de forma a estudar suas consequências. Em tempos atuais, é necessária uma política de enfrentamento aos privilégios que insistem em não ser enxergados e isso deve partir da branquitude. Não é aceitável que as pessoas brancas ainda classifiquem os outros pela cor da pele, cabelo, e outras características fenotípicas - entendemos que o racismo se constituiu de maneira fenotípica e não genotípica. Há de se ter enfrentamento dentro do próprio universo branco para que de fato consigamos avançar numa estrutura de sociedade de igualdade.

2.3 Uma questão de gênero?

Para análise deste subcapítulo precisamos, primeiramente, contextualizar o que é sexo e gênero. Para fluir nosso entendimento, segundo Nicholson (2000) gênero foi produzido para contestar sexo, ou seja, foi criado para caracterizar o que é socialmente construído, em contraposição ao que é dado biologicamente ao sujeito. Sexo é, basicamente, um agrupamento de características funcionais e básicas a qualquer ser vivo para ser identificado como macho ou fêmea. Butler citada por Rosa salienta que,

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco aparentemente tão fixo quanto o sexo (BUTTLER, 2003, p.24 apud ROSA, 2017,p.51)

Gênero no campo da Biologia apresenta-se como uma unidade de classificação de espécies, que auxilia a catalogar e categorizar elementos, seres e organismos. Para estudo da língua portuguesa, o termo do ponto de vista gramatical no seu sentido preciso, uma divisão de nomenclaturas baseada em critérios - como

sexo - para separar as palavras, de forma gramatical, por gêneros, logo, masculino e feminino.

Na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados. (SCOTT, 1989, p. 3)

De maneira breve, nos estudos sociológicos, podemos entender gênero como um conjunto de particularidades que pertencem a masculino e feminino, assim como os distinguem entre si, incluindo nesta diferenciação o sexo biológico como parâmetro. Sendo assim, gênero pode determinar em muitas sociedades, o que é o papel das mulheres e dos homens, como no caso de países com culturas mais conservadoras - Índia, Afeganistão e alguns países do continente africano. Para Scott (1992),

“Gênero” foi o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. No Estados Unidos, o termo é extraído tanto da gramática, com suas implicações sobre as convenções ou regras (feitas pelo homem) do uso da lingüística, quanto dos estudos de sociologia dos papéis designados às mulheres e aos homens. (SCOTT, 1992, p. 86)

Ou seja, é através do gênero que é imposto na sociedade o que cada indivíduo poderá fazer, atribuindo um dever não pela sua competência, mas sim por suas características que o colocam dentro da caixa feminino ou masculino. Segundo Scott (1992), as feministas preferiram destacar o sentido social de gênero ao invés de suas conotações físicas do sexo, mesmo que os estudos sociológicos salientem os usos funcionalistas ou essencialistas de “gênero”. Ainda,

Também enfatizaram o aspecto relacionado do gênero: não se pode conceber mulheres, exceto se elas forem definidas em relação aos homens, nem homens, exceto quando eles forem diferenciados das mulheres. [...] A categoria de gênero, usada para analisar as diferenças entre os sexos, foi estendida à questão das diferenças dentro da diferença. (SCOTT, 1992, p. 86-87)

Isto é, dentro da própria categorização de gênero há diferenças, podemos entender gênero enquanto alusivo a âmbitos sociais e culturais, e não fisiológicos, existem diferentes relações de gênero consoantes a outras esferas que transpassam um indivíduo como raça, etnia ou classe. Aqui começamos a traçar outro caminho para a palavra gênero que não pode mais andar sozinha para que possamos falar de seres humanos e suas individualidades. No caso da mulher, este recorte é necessário para evidenciarmos nosso objeto de estudo, não há como usá-

lo sem que seja necessário acrescentar, como nos mostra Scott (1992, p. 87), “mulheres de cor, mulheres judias, mulheres lésbicas, mulheres trabalhadoras pobres, mães solteiras” para que assim sejam classificadas todas as mulheres, sem que necessariamente elas sejam parte da hegemonia heterossexual da classe média branca.

Varikas (1994, p. 67) cita Scott ao falar sobre gênero enquanto ordem de análise “gênero tanto é elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos quanto uma maneira primária de significar relações de poder”. Contudo, gênero é uma construção social formada pelas relações sociais, é o corpo social e cultural, e sexo refere-se à biologia, aos corpos em caráter funcional. Nicholson (2000, p. 9-10) diz que “se o corpo é sempre visto através de uma interpretação social, então o “sexo” não pode ser independente do “gênero””, isto é, gênero e sexo estão, mesmo que intrinsecamente, ligados de alguma forma. Gênero está, também, diretamente associado as relações de poder ao que podemos ver quando um homem é mais respeitado e até escutado em certos lugares enquanto mulheres por muitas vezes são silenciadas, mesmo que essas sejam referência no assunto que está sendo abordado.

[...] o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres (SCOTT, 1989, p. 7)

Quando este fator de relações de poder e construções sociais entram na esfera de raça, notamos que há mais afastamento quando esta mulher é negra. Numa pirâmide social a mulher negra fica abaixo do homem negro, que está abaixo da mulher branca que está abaixo do homem branco, este então entendido como detentor de todo conhecimento, absoluto. Logo, essa subordinação enquanto gênero passa a ter outra significação quando interseccionado com raça. Negras mulheres pobres terão um tratamento e até uma visão de mundo, assim como serão vistas pela sociedade, de uma maneira diferente da mulher branca de classe média, enquanto o homem negro será visto como inferior ao homem branco e a mulher

branca. Ou seja, essa relação de poder identitário rege regras no convívio e sociedade além do gênero.

Ainda segundo Scott (1989), essa categoria, gênero, é uma definição atribuída sobre um corpo sexuado que se tornou útil, ao passo que estudos sobre sexo e sexualidade foram crescendo, pois apresenta uma maneira de diferenciar a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens.

2.4 Cabelos e coroas: os crespos que crescem em direção ao céu

O trecho “olha, nega do cabelo duro que não gosta de pentear” faz parte de uma música de axé muito conhecida dos anos 80/90. Se analisado, esse trecho traz o sentido de que o cabelo crespo está sempre desarrumado e que ele é ruim, pois como a música mesmo diz, é “duro”. Essa ideia de cabelo “bom” e cabelo “ruim” faz parte da nossa herança colonizadora, a qual criou uma lavagem mental na cabeça de negras mulheres, e, assim, não conseguem se vir bonitas com o cabelo crespo. Segundo Félix (2010),

[...] o cabelo “bom” é o cabelo liso; os indivíduos cedem a essa manipulação na tentativa de se emoldurar no perfil ditado pela sociedade como o ideal, utilizando vários meios para essa moldura, como a chapinha, relaxamentos, alisantes, entre outros processos de modificação do fio capilar. É importante pontuar que não se trata de negar a escolha da modificação ou não do cabelo de acordo como o desejo do indivíduo, mas que tenha consciência da beleza de sua negritude e da beleza que cada etnia nos traz através dos seus traços. (FÉLIX, 2010, n.p)

Para bell hooks (2005) “todos os tipos de publicidade e cenas cotidianas nos aferem a condição de que não seremos bonitas e atraentes se não mudarmos a nós mesmas, especialmente o nosso cabelo”. Desta forma, é difícil pensar uma aceitação quando há necessidade para algumas de nós, negras mulheres, de nos moldarmos às regras impostas pela sociedade racista em que vivemos, um mundo onde o que é bom é branco e o que é ruim é negro, e, portanto, se pensar nos cabelos, liso é bom e crespo é ruim. Neste momento relembremos Hall (1999) que discorre sobre identidade e identificação, podemos questionar que tipo de identidade essa negra mulher criará a partir das críticas criadas em torno do seu cabelo pela sociedade, que dividi categoriza cabelos bons e cabelos ruins?

Ainda assim não podemos esquecer que o cabelo crespo é uma parte do corpo negro, e que está diretamente ligada a luta identitária de reconhecimento como grupo, bem como nos ilustra Gomes (2002):

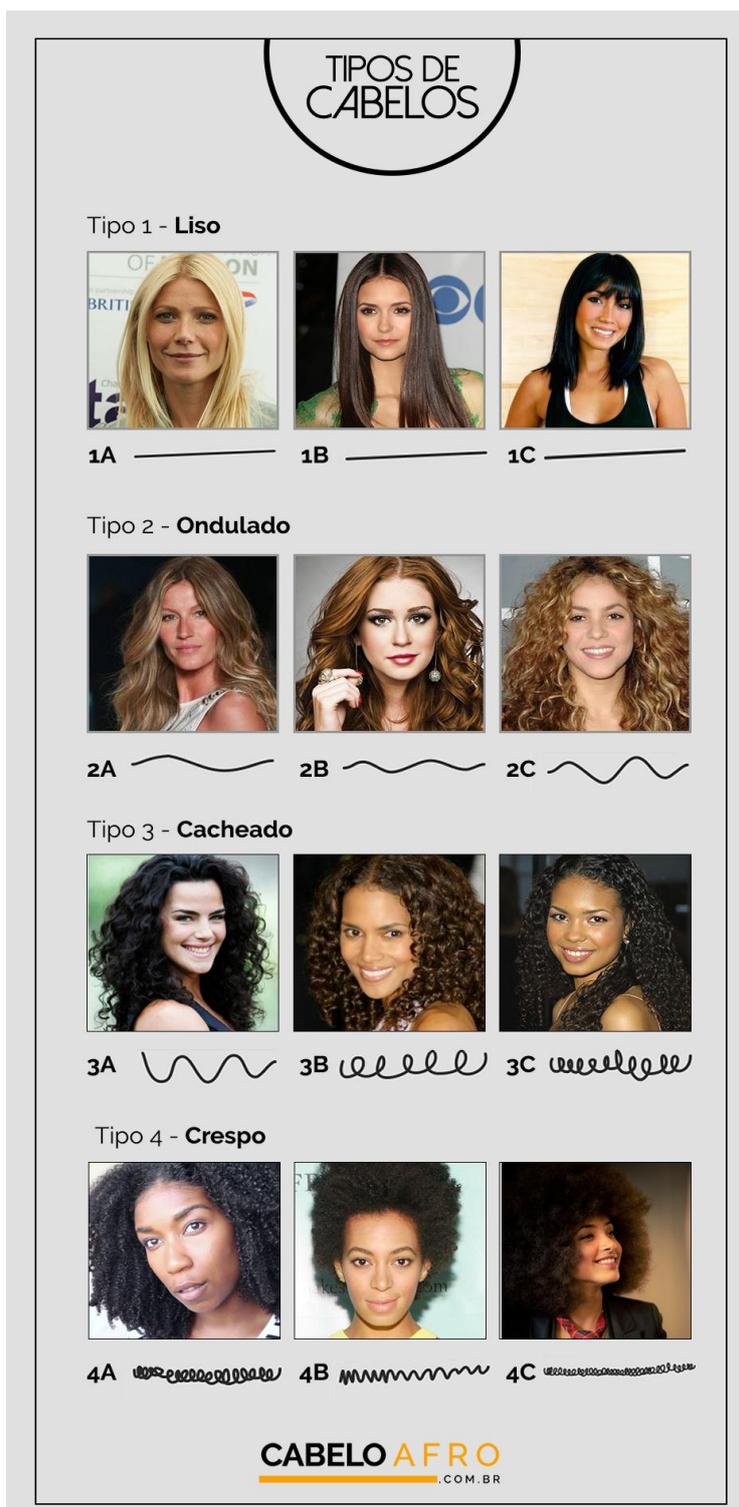
Cabelos alisados nos anos 60, afros nos anos 70, permanente-afro nos anos 80, relaxamentos e alongamentos nos anos 90, o cabelo do negro atrai a nossa atenção. Para o negro e a negra o cabelo crespo carrega significados culturais, políticos e sociais importantes e específicos que os classificam e os localizam dentro de um grupo étnico/racial. (GOMES, 2002, p. 7)

Para Jacobub (2017, p. 7) o cabelo para as negras mulheres faz parte de um corpo social, e isto é essencial para que se entenda o lugar social que é designado às negras mulheres que usam seu cabelo natural “posto que os cabelos das mulheres negras podem ser usados para traçar uma ponte de melhor compreensão das relações entre a mulher negra e a sociedade, e conseqüentemente a maneira como essa mulher negra será vista e tratada” (JACOUB, 2017, p. 7). Portanto, podemos pensar que a aceitação dessa negra mulher na sociedade será pelo fato desta ser mais embranquecida que outras - logo, percebemos que se esta mulher tiver o cabelo mais próximo ao liso - cabelo ondulado ou cacheado - será melhor aceita que a negra mulher que tiver o cabelo crespo.

Como uma forma de identificar os tipos de cabelos e determinar os vários tipos de fios existentes, o cabeleireiro norte americano Andre Walker criou o *Hair Typing System* - algo como sistema de digitação de cabelo em tradução livre - em 1997. Cabeleireiro da apresentadora de televisão norte-americana Oprah Winfrey, umas das negras mulheres mais influentes da mídia mundial, elaborou este estudo sobre os diferentes tipos de fio de cabelo e suas características quando estava escrevendo seu livro *Andre Talks Hair* e precisou categorizar os fios para melhor entendimento.

A classificação dos tipos de fios e suas texturas foram separados em quatro categorias - lisos, ondulados, cacheados e crespos, respectivamente tipos 1, 2, 3, e 4 que são classificados dentro da categoria como: 1A, 1B, e 1C, 2A 2B e 2C, 3A 3B e 3C, e também 4A 4B e 4C - conforme ilustra a figura a seguir,

Figura 1 - Tipos de cabelos e curvaturas



Fonte: Site Cabelo Afro

Mesmo que classificados dessa maneira, devemos entender que as pessoas são múltiplas e não podem ser colocadas em uma caixinha. Logo, essa classificação

de curvaturas serve para nortear, e não como regra. Desta forma, alguns cabelos podem ter mais de um tipo de fio, do meio da cabeça pra frente ou pra trás, do meio do cabelo para as pontas, e assim por diante. Buchmann (2018) diz que “[...] é quase impossível encontrar um cabelo que tenha uma textura só. Isso se deve a diversos fatores, desde a forma que a gente deita com a cabeça no travesseiro até a quantia de nutrientes no couro cabeludo.” (BUCHMANN, 2018, blog).

Após abordarmos as questões sobre representação, vamos discutir no próximo capítulo a cerca do feminismo.

3 NEGRA MULHER - INTERSECCIONALIDADES INVERTIDAS

Neste capítulo iremos abordar as questões relacionadas ao feminismo. Assim, o subcapítulo 3.1 irá trazer uma breve contextualização sobre a história do feminismo, descrevendo a primeira, segunda e terceira onda. Já o subcapítulo 3.2 irá abordar o feminismo negro. Esta reflexão é pertinente, uma vez que as discussões identitárias são potencializadas via movimentos sociais coletivos como os movimentos feministas, foco deste capítulo.

3.1 Feminismo: um breve histórico

Feminismo basicamente é um conceito que se desenvolveu como um conjunto de movimentos filosóficos, sociais e políticos com o objetivo de conquistar o acesso a direitos iguais entre homens e mulheres, igualdade de gênero. Consequentemente, a participação da mulher nas decisões da sociedade, via de regra até meados do século XIX a mulher era vista como inferior ao homem, sendo assim não tinham os mesmos direitos que eles. Não podiam, por exemplo, ler, escrever, estudar ou decidir sobre seu corpo ou sua vida. Foi assim que a mulher foi construída na sociedade patriarcal, podendo só ter incumbências referentes a afazeres domésticos e à educação de seus filhos, não tendo acesso a assuntos relacionados com política ou economia, assunto apenas direcionados aos homens da sociedade.

Em meados do século XIX, as sociedades ocidentais eram notadamente motivadas por correntes liberais. Sendo este liberalismo, na verdade, pautado pelo patriarcalismo. Nesta época manifesta-se a primeira onda do feminismo, articulada por mulheres dos Estados Unidos e do Reino Unido, brancas, classe média, donas de casa e insatisfeitas com seu papel submisso e de oprimida na sociedade. As feministas, que também ficaram conhecidas como sufragistas, tinham como principal reivindicação o direito ao voto, como enfatiza Pinto (2010),

[...] a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. As *sufrajetes*, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. (PINTO, 2010, p. 15)

Do mesmo modo, tinham exigências para pautas de acesso à instrução e profissões - direitos econômicos -, oposição a casamentos arranjados e como as mulheres eram tratadas enquanto propriedade de seus maridos. Houveram muitos embates nesta primeira onda, por se tratar do rompimento de padrões das sociedades, por isso, somente no decorrer do século XX que, progressivamente, os resultados foram aparecendo. No Reino Unido, apenas em 1918 o voto foi consentido às mulheres, mesmo assim, somente mulheres que possuíssem alguma propriedade, um imóvel, e com mais de 30 anos poderiam votar. Nos Estados Unidos o direito ao voto aconteceu somente em 1919, esse fato resultou na aprovação da Décima Nona Emenda à Constituição americana, que conferiu as mulheres de todos os estados, obviamente brancas, esse direito. No período que se deu entre a primeira reivindicação até o voto de fato ser autorizado, algumas ativistas lutavam pelo fim da escravidão.

No Brasil, as mulheres vinham lutando há tempos pelos seus direitos a cidadania, para ser considerada como um indivíduo na sociedade. Segundo Pinto (2010)

A sufragetes brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto [...] Este direito foi conquistado em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro (PINTO, 2010, p. 16)

Contudo, só era permitido para mulheres casadas - com aprovação do marido -, solteiras e viúvas com renda própria. Porém, foi em 1946, que a obrigatoriedade do voto foi ampliada para as mulheres.

Em 1949, foi publicado a obra da feminista francesa Simone de Beauvoir “O Segundo Sexo”, o livro tem como tema principal as reflexões sobre as construções sociais acerca da figura feminina, assim como o desenvolvimento da mulher em relação às condições que a tornava oprimida e submissa ao homem.

Com o sistema capitalista ganhando cada vez mais força em grande parte do mundo, as mulheres conseguem atingir um espaço no mercado de trabalho, apesar disso, tornam-se mão de obra barata. Em 1951 é aprovada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), a Recomendação n. 90, sobre a igualdade salarial entre homens e mulheres. Scott (1989)

a história do pensamento feminista é uma história de recusa da construção hierárquica da relação entre masculino e feminino; nos seus contextos específicos é uma tentativa de reverter ou deslocar seus funcionamentos. (SCOTT, 1989, p. 19)

Ou seja, é uma maneira de movimentar a estrutura que estava enraizada pela cultura patriarcal. Neste contexto que surge o movimento hippie, Pinto (2010) aponta “que propôs uma forma nova de vida, que contrariava os valores morais e de consumo norte-americanos”, trazendo à tona debates sobre liberdade do indivíduo, principalmente no quesito sexual, não por acaso é neste período que produzem o primeiro anticoncepcional. Nasce em 1963, o que autora denomina como a “bíblia” do novo feminismo, o livro *A Mística Feminista* escrito por Betty Friedan, francesa que retoma os conceitos de Simone de Beauvoir. Nesta obra Friedan tenta desmistificar a realização de vida da mãe e esposa zelosa, através de entrevista com mulheres que seguiam as normas estipuladas entre as décadas de 1940 e 1950, aponta que há uma falsa liberdade e felicidade nestas mulheres brancas de classe média que eram consideradas o imaginário perfeito de rainhas do lar. Isso acendeu em algumas mulheres novamente o desejo pela busca pelos seus direitos.

A segunda onda feminista que surge neste meio foi marcada no Brasil pela oposição a Ditadura. Porém sua força é, sobretudo nos Estados Unidos e na França, na qual a bandeira levantada era a discriminação de gênero. Que pautava a igualdade de direitos e o reconhecimento da paridade entre homens e mulheres, também trouxeram discussões como sexualidade, família e direitos reprodutivos.

o movimento feminista surge com toda a força, e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação – , mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. (PINTO, 2010, p. 16)

É na segunda onda que começa a distinção entre sexo e gênero, segundo Scott (1989, p. 2) “as feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos”. Neste momento que sexo é entendido como uma característica biológica e gênero como uma construção social, como já vimos no capítulo anterior. É por esta época que se desperta para o entendimento do machismo como sendo algo estrutural, portanto começam as lutas para invalidar a

isenção conjugal, leis de estupro que permitiam que o marido estuprasse suas próprias esposas.

Também na segunda onda que as mulheres criticam a pornografia e à prostituição de forma veemente, também tiveram autoras, como Audre Lorde, que buscaram discutir sobre a lesbianidade e heterossexualidade, trazendo à tona o debate sobre o poder masculino. Percebeu-se que para além das pautas já sinalizadas, era importante que se olhasse para as mulheres não brancas, que se contemplassem as mulheres da classe trabalhadora, as mulheres lésbicas, e principalmente, as negras.

É neste cenário que o feminismo negro nasce e se fortalece enquanto perspectiva independente. Mesmo que o propósito de combater a opressão com base no sexo fosse o motor que impulsionava essas mulheres, cada uma tem suas individualidades como seres humanos. As pautas não tinham mais como ser as mesmas, pois não conseguiam abranger as mulheres negras que agora estavam em busca de seu espaço para fortalecer sua própria identidade negra, e mais especificamente, de mulher negra.

Com todos estes acontecimentos, o modelo de mulher que estava até agora “institucionalizado” começou a ruir e um novo perfil precisou ser criado, por isso, adentramos a terceira onda do feminismo, que começa por volta dos anos 80 e vem até os dias atuais. Essa onda vem com base nos anteriores, mas com lutas baseadas em reconhecimento das inúmeras identidades femininas, é neste momento que entram estudos de interseccionalidade como uma forma de combater o conceito de mulher universal para que se possa reconhecer as multiplicidades de identidades e do ser mulher. Não há mais uma identidade fixa de uma mulher, neste momento o que interessa é realmente mostrar que cada uma tem suas particularidades e que a opressão pode acontecer não apenas por ela ser mulher, mas há outros atravessamentos que perpassam a discriminação de gênero. Também há de se fazer cair por terra às narrativas do feminismo de vitimização, que eram características da primeira e segunda onda.

O respeito as diversas identidades faz com que a terceira onda vista-se com saltos e sutiãs ao invés de queimá-los para mostrar que a mulher é um ser tão independente que não precisa se encaixar nos ditos estereótipos para ser feminista.

Tanto que a pornografia e a prostituição viraram motes para bandeira de luta pela liberdade sexual de cada uma, deixando que a mulher escolha e entenda o que a oprime ou o que na verdade está querendo dissimular para que ela se auto oprima. Essa maior abrangência em assunto como sexualidade busca dialogar com identidade de gênero e articular análises sobre masculinidades e feminilidades, assim como performances de gênero.

3.2 Negra mulher que pariu uma revolução: um olhar sobre Feminismo Negro

Nas lutas pelos direitos das mulheres expostos acima, podemos perceber que a mulher que tinha voz, que tinha o privilégio de lutar, eram as mulheres brancas. É fato que feministas negras sempre existiram desde a primeira onda, mas por analisarem sua perspectiva em relação ao racismo as mulheres negras preferiram lutar pelo que no momento as atingiam mais. Mesmo que algumas soubessem a importância de se lutar pelo seu espaço enquanto mulher contra as opressões machistas, ou seja, a “interseccionalidade” que tanto falam na terceira onda do feminismo, na verdade sempre existiu, porém ainda não tinha esse nome, olhamos para Carneiro (2001) que,

Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! (CARNEIRO, 2001)

Segundo bell hooks (1981, p.6) quando as mulheres brancas começaram a ganhar força pelo direito ao voto, os homens brancos resolveram fazer um acordo com os homens negros dando à eles o direito ao voto em detrimento as sufragistas brancas. Contudo, antes disso acontecer às mulheres brancas já tinham sinalizado uma aproximação junto aos ativistas negros, pois perceberam que talvez eles conseguissem o voto antes delas. Como isso não ajudou, se voltaram contra os homens negros tentando mostrar aos brancos o quanto seria ruim ter negros votando. Em nenhum momento elas se solidarizam com as mulheres negras e muito menos estavam preocupadas com o povo negro, elas queria sua emancipação civilizatória sem importar com quem seria atingido. Foi neste momento que as mulheres negras, que estavam preocupadas com o racismo que as atingia, precisaram “escolher” um lado,

As mulheres negras foram colocadas num duplo dilema; ao apoiarem o sufrágio feminino implicava que elas estavam a aliar-se às mulheres brancas ativistas que tinham publicamente revelado o seu racismo, mas ao apoiarem apenas o sufrágio do homem negro estavam a endossar a ordem social patriarcal que não iria conceder-lhes nenhuma voz política. (bell hooks, 1981, p. 6)

Ou seja, não há como negar que as preocupações das mulheres brancas eram totalmente diferentes das mulheres negras, mesmo que as primeiras dissessem que se importavam com a sobrevivência e liberdade das segundas. Pois, enquanto as mulheres brancas buscavam igualdade nos direitos civis, as mulheres negras ainda eram assombradas pelo legado da escravatura, menosprezadas pela posição de subordinadas. E essa submissão não se limitava apenas a figura dos homens brancos, pois a mulher negra também estava em posição servil diante à mulher branca.

E com a pseudo ascensão do homem negro, com os olhares atentos do homem branco, a mulher negra se via cada vez mais em posição subserviente. Percebemos que esse lugar de conformidade, segue para meados do século XX, anos cinquenta, “as mulheres negras e os homens juntaram-se para lutar pela igualdade racial, no entanto as ativistas negras não receberam a aclamação pública ganha pelos líderes negros” (bell hooks, 1981, p.7). As mulheres negras que estavam de mãos dadas aos seus, frente ao combate colocando seus corpos negros como escudo, não foram, nem são lembradas ainda hoje como mulheres de batalha a ponto de serem partes da história, mesmo que de uma história, por vezes, mal contada.

Aos homens negros foram dados cuidados e projetados ao altar como grandes merecedores de louvores, já que estes são vistos como heróis, como se tivessem feito tudo sozinhos. Às mulheres negras foi pedido paciência e que se colocassem atrás dos homens negros para que estes pudessem brilhar, afinal elas não sentiam o peso da sociedade sobre seus ombros, elas eram mulheres, nem com a mesma cor em suas peles, as faziam ter suas necessidades respeitadas nem pelos seus. Afirma bell hooks que “foi visto com insignificância a vitimização das mulheres negras sofridas pela opressão racista e sexista, pois embora fosse grande o sofrimento das mulheres, este não podia ser precedente sobre a dor masculina.” (1981, p. 8).

O estranhamento surge quando lembramos que neste mesmo período as mulheres brancas estavam brigando por seus direitos, e nem cogitava envolverem-se

nas pautas relacionadas às mulheres com outro tom de pele, afinal, pelo entendimento de todos a liberdade sempre foi branca.

Quando as feministas num único fôlego reconhecerem que as mulheres negras eram vitimizadas e no mesmo fôlego enfatizaram a sua força, elas sugeriram que apesar de as mulheres negras serem oprimidas elas conseguiam contornar os impactos causados pela opressão sendo fortes – e isso não é simplesmente um acontecimento. (hooks, 1981, p. 8)

Além de não darem importância às necessidades de vivência das mulheres negras, ainda conseguiram encontrar um modo que pudessem se distanciar da parcela de culpa que tinham nesse processo de libertação de gênero. Pois no instante em as feministas brancas se abstém da luta pela igualdade de gênero que integre todas as mulheres e não só as de pele branca, elas fazem o contrário do que diziam almejar, que era a busca por liberdade e uma maior participação da mulher nas decisões da sociedade, afinal também eram sujeitos sociais. Porém, percebemos que nem todas as mulheres eram consideradas indivíduos na sociedade.

Muitas mulheres negras denunciaram a libertação das mulheres como “uma idiotice das mulheres brancas”. Outras reagiram ao racismo das mulheres brancas começando grupos feministas negros. Enquanto denunciávamos os conceitos masculinos do macho negro como nojentos e ofensivos, não falávamos sobre nós mesmas, sobre o que significava sermos vítimas da opressão sexista-racista. (hooks, 1981, p.10)

As mulheres que diziam lutar por direitos para todas se esqueceram das outras, das negras. Elas lutavam contra o machismo, entretanto as mulheres negras tinham de se defender de toda a sociedade. Nas articulações que tiveram as mulheres negras entenderam que precisavam escrever sobre si, visto que, até este período somente mulheres brancas escreviam sobre mulheres. Segundo bell hooks (1981, p. 9) as feministas brancas escreviam seus livros e artigos sobre as “questões das mulheres” onde transcorriam sobre analogias entre “mulheres” e “negros”. Intrinsecamente era entendido que o termo mulheres estava relacionado às mulheres brancas e negras diretamente a homens negros, ou seja, nota-se uma preocupação de todos os movimentos em relação à questão sexista, a opressão sexista-racista para com as mulheres negras não é algo preocupante, pois não diz respeito à mulher branca, portanto não interessa ao movimento branco feminista,

Mulheres brancas têm um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto o “outro” do homem branco, pois são brancas, mas não homens; homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres brancas, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas, nem homens, e exercem a função de o “outro” do outro.(KILOMBA, 2010 apud SEIXAS, 2016, p. 20)

bell hooks (1981) rememora para anos atrás, na época da escravatura para lembrar que o povo branco determinou essa hierarquização baseados tanto na raça como no sexo classificando assim “os homens brancos em primeiro, as mulheres brancas em segundo, algumas vezes iguais aos homens negros, que eram classificados em terceiro e as mulheres negras em último”. (hooks, 1981, p. 41).

Essa hierarquia indomada atravessa o campo da literatura negra, pois quando começa a ser escrita por mulheres negras, precisa assim mesmo ter o aval de mulheres brancas acadêmicas, “muitas antologias apareceram com coleções de material sacado dos escritos do século XIX das mulheres negras; esses trabalhos eram usualmente editados por pessoas brancas.” (hooks, 1981, p.10). Quando não eram escritos por homens negros de uma perspectiva totalmente sexista. Ou seja, mesmo em suas escritas para falar delas mesmas as mulheres negras eram atingidas tanto pelo recorte de raça como por seu gênero, elas ainda eram entendidas como inferiores e, neste caso, intelectualmente.

Ao falar sobre os estudos feministas na Grã-Bretanha, com um olhar apurado sobre as necessidades dos grupos de negros africano-caribenhos Brah (2006) contextualiza que na década de 1970 muitas comunidades negras estavam no cenário político reivindicando direitos, ações como greves estavam sendo lideradas por mulheres. Neste período houve inúmeras reivindicações contra as condutas racistas das autoridades como ataques às propriedades e pessoas, perseguições e criminalização de comunidades negras e as mulheres negras estavam engajadas em todas essas atividades pode-se observar que “a formação de grupos autônomos de mulheres negras no fim da década de 70 injetou uma nova dimensão na cena política.” (BRAH, 2006, p. 346)

Neste momento entramos nas interseccionalidades, que foram pensadas através destes marcadores - raça e gênero - assim como também tiveram como base a classe. Para Crenshaw,

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais

eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Pelo olhar de Balhego (2016, p. 25) percebemos que a interseccionalidade é composta de diversas formas e que isso que distingue as mulheres negras das mulheres brancas, ao ponto que cita três tipos de colisões que podem influenciar na vida da mulher negra, a autora coloca como “discriminação contra grupos específicos (violência racial e étnica), discriminação mista ou composta (discriminação de raça e gênero) e subordinação estrutural (convergência entre gênero, globalização e classe)”. Acrescenta que é por estes motivos que nenhuma mulher é igual a outra e que deve ser desconstruído o pensamento de universalidade do ser mulher. Que se faz necessário perceber as inúmeras formas de opressões direcionadas e sentidas por mulheres de diferentes classes, etnias e raças.

Portanto, compreendemos que os estudos sobre raça e gênero são partes importantes da interseccionalidade que devem ser usados para essa monografia sobre as séries *Scandal* e *How To Get Away*, visto que as séries discorrem sobre a vida de duas negras mulheres.

4 REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA

Para falarmos sobre representatividade mais uma vez vamos nos ancorar nos escritos de Hall. Por este motivo, no quarto capítulo buscamos entender o que é representação. No subcapítulo 4.1 discutiremos o que é a representação através do olhar de autores como Hall e Silva; já no subcapítulo 4.2., com o olhar para o papel da mídia e as repercussões que tem a representação do corpo negro. É nesta análise dos espaços midiáticos que compreendemos o papel dos profissionais de comunicação na conformação das mais diferentes identidades culturais, especialmente no que tange à interseccionalidade entre raça e gênero, como visto anteriormente.

4.1 O que é essa tal de representação?

Segundo Hall (2016) representação é “a produção do significado dos conceitos da nossa mente por meio da linguagem”. É essa ligação (conceito + linguagem) que nos possibilita aludir ao mundo real ou imaginário dos objetos, indivíduos ou acontecimentos.

O sentido *não* está no objeto, na pessoa ou na coisa, e muito menos *na* palavra. Somos nós quem fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável. O sentido é construído pelo sistema de representação. Ele é construído e fixado pelo código, que estabelece a correlação entre nosso sistema conceitual e nossa linguagem. (HALL, 2016, p. 41-42)

Para explicar esse conceito Hall (2016, p. 34-35) nos apresenta dois sistemas de representação: conjunto de conceitos ou representações mentais e a linguagem. Segundo Hall, fazemos estas relações mentais, pois precisamos criar conceitos para compreendermos desde as coisas concretas até as coisas abstratas, mesmo que nunca nem tenhamos tido contato com elas. Isto serve para que consigamos classificar e organizar os diferentes objetos e sujeitos - materiais ou intangíveis - a ponto de criarmos relações entre eles que forme nosso conceito sobre o que aquilo representa, não necessariamente de forma individual. Assim geramos a representação mental,

Poderia ocorrer ainda que o mapa conceitual que carrego na minha cabeça fosse totalmente diferente do seu, o que nos levaria - eu e você - a interpretar ou dar sentido ao mundo de maneira totalmente diversas. [...] Na verdade, provavelmente entenderíamos e interpretaríamos o mundo de uma maneira única e individual. Somos, entretanto, capazes de nos comunicar porque compartilhamos praticamente os mesmos mapas conceituais e, assim, damos sentido ou interpretamos o mundo de forma mais ou menos semelhantes. Isto é, de fato, o que significa pertencer “à mesma cultura””. (HALL, 2016, p. 36)

Porém, nada disso é suficiente se não compartilharmos da mesma linguagem, ou seja, dos mesmos signos - palavras, sons, objetos ou imagens - que sustentem sentidos e que sejam organizados para que em nossa mente construam sistemas de significado da nossa cultura. Desta forma para que haja uma representação efetiva, os dois sistemas de representação - mapa conceitual e linguagem - necessitam estar alinhados. Ressalta Hall (2016) que uma maneira de pensar cultura é a fusão compartilhada dos mapas conceituais com os sistemas de linguagem e com os códigos que traduzem as relações entre eles, por assim dizer, estes códigos estabelecem as relações entre os conceitos e os signos, pois são eles que indicam qual linguagem precisa ser usada para passar a mensagem corretamente, “essa “tradutibilidade” [...] é criada socialmente e na cultura, como resultado de um conjunto de convenções sociais” (HALL, 2016, p. 42)

No entanto, esse sentido jamais deve ser entendido como algo fixo pois ele é o resultado de nossas convenções culturais, sociais e linguísticas que por suas vez mudam em com o passar do tempo. Visto que, para Hall (2016), “o principal ponto é que o sentido não é inerente às coisas, ao mundo. Ele é construído, produzido. É o resultado de uma prática significativa - uma prática que *produz* sentido, que *faz os objetos significarem*.”.

Buscando compreender mais a fundo Hall (2016) fragmenta em três teorias que explicitam como é a representação do sentido através da linguagem, são elas: reflexiva, intencional e construtivista. A reflexiva é como se fosse um espelho, um reflexo que trás a essência do sentido verdadeiro, o real, a linguagem como uma reflexão ou imitação da verdade; a intencional emite a mensagem que o interlocutor dá a ela, determina o sentido que ele quiser para as palavras tendo como ponto de partida seu sentido de mundo; já a construtivista entende que os sentidos são construídos, que não é o interlocutor nem as coisas por si só que darão sentido a elas mesmas. Mas que há uma construção por meio dos conceitos e signos, os sistemas de representação, que concedem sentido.

Hall ainda exemplifica a abordagem construtivista, fazendo uma analogia com as cores dos semáforos (verde, vermelho e amarelo) enfatizando que o sentido que se dá as cores é a distinção entre suas funções, e que isto é um código linguístico de cores, que vai além das finalidades atribuídas a cor fazendo com que essas cores funcionem como signos “[...] o que significa, o que carrega sentido, eles argumentam, não é a cor por si mesma nem o conceito ou a palavra para ela. É a *diferença entre vermelho e verde que significa.*” (HALL, 2016, p. 51)

[...] todos os signos são “arbitrários”. Esse termo significa que não existe nenhuma relação natural entre o signo e seu sentido ou conceito. [...] o sentido depende *da relação entre* um signo e um conceito, o que é fixado por um código. O significado, os construtivistas diriam, é “relativo”. (HALL, 2016, p. 52)

Para Saussure, pai da linguística moderna, a representação de forma geral juntamente com a linguagem conduz a abordagem semiótica - estudo geral das representações por meio dos signos, essa conceituação utiliza como elementos de análise o significante e significado. Este conceito vem ao encontro com a teoria construtivista de Hall que,

[...] *significante* (isto é, a palavra ou imagem de um *celular*, por exemplo), ele será relacionado com o *significado* (o conceito de um telefone portátil na sua cabeça). Os dois são necessários para produzir sentido, mas é a relação entre eles, fixada pelo nosso código cultural e linguístico, que sustenta a representação. (HALL, 2016, p. 58)

Logo, o signo é o resultado da relação entre o que significa e a ideia significada, Saussure ainda considera que o signo e o significado não tem nenhuma ligação natural ou inevitável, sendo assim, a percepção de diferença, a natureza arbitrária, continua sendo premissa para que o signo não tenha um sentido único, fixo. Hall (2016) exemplifica ainda que “é difícil definir o sentido de PAI, a não ser que esteja em relação a outros parentescos, como MÃE, FILHA, FILHO, e nos termos de sua diferença para com estes, e assim por diante.” (HALL, 2016 p.56)

Assim, para que possamos produzir significados, os significantes necessitam, obrigatoriamente, estar organizados em um sistema de diferenças, pois são estas as diferenças que significam. Há de se pensar também na linguagem, e assim como tal, para que se faça a produção de sentido, precisamos estar aptos a diferenciar a linguagem antes de fazer a ligação desta com algo.

Os sentidos, por não serem únicos e imutáveis, nascem de um sistema de convenções sociais, são construídos dentro de cada sociedade em que estão inseridos. Consequentemente, mudam ao longo da história e junto ao contexto cultural em que “pertence” naquele momento “o signo é totalmente sujeito à história; e a combinação, em um momento em particular, de um dado significante e um significado é o resultado contingente do processo histórico” (CULLER, 1976, p.36 apud HALL, 2016, p. 60).

Com intuito de melhor entendimento da parte social da linguagem, Saussure divide a linguagem em duas partes, *langue* e *parole*, “a *langue* é o sistema da linguagem, a linguagem como um sistema de formas, enquanto *parole* é a fala [ou escrita] real, os atos de fala que só são possíveis pela linguagem” (CULLER, 1976, p.29 apud HALL, 2016, p. 61). *Langue* seria a estrutura profunda da linguagem, por sua natureza fechada, é fundamental para elaboração da fala e da escrita. Já a parte considerada superfície da linguagem, *parole*, diz respeito a criação da escrita e fala por meio de regras e códigos estruturados pela *langue*. Hall mesmo corroborando com muitos dos feitos de Saussure, como a compreensão da representação, critica seu modelo em alguns aspectos, como o fato de se ater demasiadamente a estruturação do signo - significante e significado - e deixar de lado a relação entre significante e significado “outro problema é que Saussure tendeu a se concentrar nos aspectos formais da linguagem - em como a linguagem realmente funciona”. Hall alerta que a linguagem não é um sistema fechado, por este motivo não pode ser estudada como uma ciência de precisão, mas deve ser interpretada como um conceito aberto.

O legado de Saussure concebeu a semiótica como o estudo dos signos dentro da cultura como uma linguagem “na abordagem semiótica, não apenas palavras e imagens, mas os próprios objetos podem funcionar como significante na produção de sentido” (HALL, 2016, p. 68).

Entendendo o que é representação pelo olhar dos estudos culturais, signos e linguagem, não podemos deixar de falar sobre a representação social. Esta que dita como irão nos enxergar - nossos pares ou não - perante a sociedade, Silva ao citar Moscovici (1978),

a representação social é uma preparação para a ação, ela não é somente na medida em que guia o comportamento, mas, sobretudo na medida em

que remodela e reconstitui os elementos do meio ambiente em que o comportamento teve lugar” (MOSCOVICI, 1978, apud SILVA, 2007, p. 91).

Reitera ainda que as representações sociais podem ser vistas como senso comum em nossa sociedade contemporânea, constituindo-se de mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais. Silva, mais uma vez citando Moscovici, revela a importância da representação social visto que o conhecimento e realidade individual não podem ser considerados como base, pois os significados difundidos através de teorias e fenômenos da sociedade são passados por meio da educação, meios de comunicação e instituições (MOSCOVICI, 1978 apud SILVA, 2007, p. 92)

Após apresentarmos o cerne da representação - linguagem, signos e conceitos - iremos às práticas representacionais que Hall chama de estereotipagem. É nada mais plausível que trazer à tona a carga que a mídia tem, de modo geral, com este assunto.

4.2 A mídia representa quem?

Pensando a comunicação oral e escrita como parte de uma mídia não oficializada, podemos compreender que desde a escravidão o homem branco se utiliza da comunicação para fazer trocas com os seus - aqueles que eram vistos como iguais, de mesmo intelecto para existir como ser na sociedade. Partindo disso - e entendendo que neste momento estamos fazendo um recorte no tempo/espaço para o objeto de estudo desta monografia e, por isso não entraremos no mérito de trazer a história da comunicação desde a era paleolítica - sabemos que os homens brancos, e que detinham alguma espécie de valor financeiro e social, vendiam, compravam tanto pessoas quanto bens materiais, num primeiro momento, através do boca a boca e depois por meio de cartazes. Pode-se então, dizer que umas das primeiras aparições negras na “mídia”, mesmo que não tenham sido boas, foram a partir das buscas por mulheres e homens escravizados. Essas buscas eram feitas a partir do que homens brancos diziam, assim eram feitos “retratos” ou até mesmo textos do olhar do homem branco sobre os corpos negros. Esse olhar do outro sobre um algumas pessoas, tornou possível a consagração da estereotipagem de determinados grupos.

Filho (2004) ao falar sobre estereótipos alerta que estes não servem somente para delimitar espaços ou identificar pessoas, mas também para julgar determinado ser na sociedade, explicitar suas diferenças e julgá-lo “geralmente representam, expressam tensões e conflitos sociais subjacentes – o “português boçal”; “o irlandês rude”; “o oriental dissimulado”; “o roqueiro drogado”; “o rebelde sem causa”; “o índio preguiçoso”. Isso deixa o outro desconfortável, estereotipar alguém é dizer que o seu modo de ser e seu comportamento correspondem a algo que talvez nem seja verdade, mas o ato de colocar o outro numa caixa dá a sensação de poder, assim Freire Filho ao citar Barthes (1963) mostra que os estereótipos na definição de Barthes é o vírus da essência e

[...]reduz toda a variedade de características de um povo, uma raça, um gênero, uma classe social ou um “grupo desviante” a alguns poucos atributos essenciais (traços de personalidade, indumentária, linguagem verbal e corporal, comprometimento com certos objetivos etc), supostamente fixados pela Natureza. Encoraja, assim, um conhecimento intuitivo sobre o Outro, desempenhando papel central na organização do discurso do senso-comum. (BARTHES, 1963, apud FILHO, 2004, p.4)

Bauman nos traz essa perspectiva dos estereótipos pelo olhar aos estranhos, que, segundo ele, são aqueles que não se enquadram num determinado perfil social. Eles estão à margem do restante da sociedade, mesmo que criados por ela, “todas as sociedades produzem seus estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranho, e os produz de sua própria maneira, inimitável.” (BAUMAN, 1998, p. 27). Ou seja, esse grupo desviante que salienta Freire são também os estranhos de Bauman, pois fogem às regras estipuladas pela própria sociedade que os inventou, “como forma influente de controle social, ajudam a demarcar e manter fronteiras simbólicas entre o normal e o anormal, o integrado e o desviante, o aceitável e o inaceitável, o natural e o patológico, os *insiders* e os *outsiders*, Nós e Eles.” (FILHO, 2004, p.4)

Essa separação dos indivíduos é a diferença que Hall (2016) mostra que é ambivalente, sendo positiva e ao mesmo tempo negativa,

[...] é necessária para a produção de significados, para a formação da língua e da cultura, para as identidades sociais e para a percepção subjetiva de si mesmo como sujeito [...] Por outro lado, é, ao mesmo tempo, ameaçadora, um local de perigo, de sentimentos negativos, de divisões, de hostilidade e agressão dirigidas ao “Outro”. (HALL, 2016, p. 160)

Filho (2004) traz em seus estudos a chamada “sociologia do pânico moral” que se baseia na teoria do rótulo “perspectiva analítica que considera o desvio uma construção social e não uma qualidade intrínseca de atos ou atores sociais específicos” (FILHO, 2004, p. 5 - 6). Se pensarmos essas argumentações através do olhar da sociedade em que vivemos - que luta em fazer valer, vergonhosamente, a democracia racial pelo olhar branco - veremos que os estranhos, os outros, são as pessoas negras e todas as pessoas que fogem do ideal da branquidade, da raça superior. Pelo viés midiático pessoas negras na televisão, apresentando programas - ou como nosso objeto - sendo protagonistas de séries renomadas -, são totalmente estranhas. O estereótipo criado para as pessoas negras na mídia são nas páginas policiais ou na coluna de esportes - maioria das vezes futebol - o estranho não pode estar fora do seu lugar, minuciosamente, pensado pelo branco, pois isso incomoda, causa repulsa.

Desde a separação dos indivíduos por raças - depois somente pela raça, negra - o negro foi visto como subalterno, sem capacidade intelectual, que usa da força para resolver problemas, um ser primitivo e o branco como detentor da inteligência, dos bons modos, o ser único. Essas identidades sociais, esse estereótipos de serviçais, de subserviência, Bauman descreve como sendo parte do mundo dos estranhos, “pessoas que você paga pelos serviços que elas prestam e pelo direito de terminar com os serviços delas logo que já não tragam prazer”, isso diz muito sobre a nossa sociedade e suas classes trabalhadoras. Além disto, demonstra o quão mesquinha é a ideia de estereotipização para colocar o outro em seu “lugar”. Assim, se o serviço já não é mais suficiente, se o estranho não é mais útil, ele é descartado.

Em conformidade, Hamburger (2003) em seus estudos sobre políticas de representação, traz à tona a discussão sobre o sujeito visível e invisível nas representações midiáticas,

Outros eventos, assuntos, cenários, movimentos e pessoas gozam de visibilidade pública em certos veículos e de acordo com certas convenções que regem a construção de representações na mídia. Outros eventos, espaços e agentes permanecem invisíveis na cena pública[...] Os diversos veículos de mídia, imprensa escrita, rádio, cinema, televisão e internet, ocupam posição privilegiada na definição da ordem do visível e do invisível. Esse privilégio muitas vezes é interpretado como uma faculdade de interferir na dinâmica de inclusão e exclusão social. (HAMBURGER, 2003, p. 51)

Esse acesso a inclusão ou exclusão nos meios de comunicação reflete no meio social em que aquele indivíduo está inserido, isso pode deixá-lo à margem ou integrá-lo, vai depender como a mídia irá representá-lo. De fato os meios de comunicação têm em suas mãos o tesouro da estereotipagem, onde podem fazer e mostrar o que querem e quando querem, assim manipulam os olhares e, conseqüentemente, as ideias de representação de determinado grupo,

[...] imagens são editadas de acordo com determinadas escolhas marca as sociedades contemporâneas e alimenta uma disputa crescente pelo controle das representações. Cidadãos artistas, exércitos, guerrilheiros, profissionais, agentes do poder público, políticos, movimentos sociais, disputam o que merece ser representado, como e aonde. (HAMBURGER, 2003, p. 50)

Essa reflexão de Hamburger (2003) quando comparada a exemplos que vemos no dia a dia, como, por exemplo, pessoas com medo de homens negros, pois a mídia, desde a escravidão, os mostram como seres animais. A mídia escrita colocando jovens negros sempre como suspeitos, e sendo chamados de traficantes, enquanto pessoas brancas são mostradas como estudantes e portadores de drogas ou como vítimas que tenha sido aliciada pelo tráfico, entre outros, criou um olhar sobre o Outro como real.

Sendo assim, agora todos os homens negros podem ser potencialmente agressivos, devido seu histórico de representação social assim como jovens negros deve ser vistos como potenciais traficantes. Pelo lado feminino, vemos as mulheres negras sendo hipersexualizadas devido a estereotipação da mulata tipo exportação - que por si só é racista devido a mostrar a mulher como objeto de troca mercantil -, a mulata do carnaval devido suas curvas e samba no pé, entre outras. Assim, todas as mulheres negras, impreterivelmente - como falamos em raça o único ser que se entende como indivíduo é o branco - devem saber sambar, ter ginga, corpo de negra, e podem, ainda, ser exportadas como eram antigamente quando escravizadas. E nessas manifestações vemos por todos os tipos mídia, jornal, televisão, via internet, etc. Pois, como Hall já nos apontou, a linguagem é construída através de signos. bell hooks ao falar de estereótipos da mulher negra ainda ressalta a força e a capacidade de aguentar toda e qualquer situação,

A imagem estereotipada das mulheres negras como fortes e poderosas dominou tanto a consciência da maior parte dos americanos, que até a

mulher negra é claramente conformada com as noções sexistas de feminilidade e passividade que ela pode caracterizar como resistente dominadora e forte. (hooks, 1981, p. 60)

Ou seja, não bastasse a estereotipação dos corpos, ainda é necessário lidar com os sentimentos demarcados pela sociedade como sendo passíveis de negras mulheres ou não. Para Seixas (2018),

A forma como negras mulheres tem que enfrentar o racismo e o machismo vai além deste sistema racista de exclusão social e consegue operar até mesmo junto aos seus, pois se homens e mulheres negros são considerados agressivos e identitários (panfletários) por trazer à tona pautas raciais, as negras mulheres são interpeladas também pelo herança de dominação escravocrata, que tenta torná-las até hoje subalternas ao homem, sendo assim, não podendo esta ter mais opinião e lutar mais, correndo o risco de tornar-se prepotente demais ao gosto masculino. (SEIXAS, 2018, p. 22)

Segundo bell hooks (2005), racismo e sexismo aliados tentam nos diminuir diariamente pelos meios de comunicação. A autora ainda pontua que “não podemos nos resignar se sabemos que a supremacia branca informa e trata de sabotar nossos esforços por construir uma individualidade e uma identidade.” Nossos corpos além de serem entendidos com grande potencial de agressividade tanto o homem quanto a negra mulher, as mulheres ainda precisam se esquivar de outros tipos de discriminação para poderem ser elas mesmas em qualquer ambiente que estejam. O corpo da negra mulher é acima de estereótipos, uma pessoa não pode ser entendida apenas pelo olhar preconceituoso da mídia, majoritariamente, branca, que fala do outro como se somente ele fosse portador da verdade plena.

Após discutirmos sobre as representações, no próximo capítulo iremos mostrar nosso objeto de estudo, assim como serão respondidas nossas indagações iniciais.

5 ANNALISE E OLIVIA: A ANÁLISE POR DETRÁS DOS PODER

A partir do referencial teórico apresentado nos capítulos anteriores, neste capítulo iremos apresentar os procedimentos metodológicos e a análise dos dados coletados.. Para isso, no item 5.1, expusemos a metodologia, que foi composta pelas técnicas pesquisa bibliográfica, análise documental e de conteúdo, como também o uso do instrumento questionário com o apoio de técnica projetiva com imagens e vídeos das séries *How To Get Away With Murder* e *Scandal*, que são exibidas pela emissora de televisão norte-americana BBC, no Brasil pelo canal fechado Sony Brasil e na plataforma de streaming Netflix para todos os países onde está presente.

Já, no item 5.2, apresentaremos uma descrição analítica das cenas selecionadas para compreender o contexto em que se inserem as cenas em que as personagens aparecem com seus cabelos naturais, com o contraponto de uma amostra de cenas que representam a maior parte do visual das protagonistas. Na sequência, no item 5.3 e 5.4, estão os dados coletados por meio dos questionários, parte em que conseguimos entender a percepção do público sobre as personagens na sua relação com seu cabelo natural.

5.1 Metodologia

A fim de respondermos ao problema de pesquisa e com o intuito de alcançar as devidas respostas, foram usadas diferentes ferramentas para o estudo e desenvolvimento da investigação científica. Para o presente trabalho de conclusão, foram utilizadas as técnicas pesquisa bibliográfica, análise documental, análise de conteúdo, e o instrumento questionário com o apoio de técnica projetiva. Para Stumpf (2014, p. 51) a pesquisa bibliográfica é a parte inicial de todo o trabalho de pesquisa,

vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias idéias e opiniões. (STUMPF, 2014, p. 51)

A autora ainda nos alerta para verificação da literatura a ser usada e que deve ser “uma atividade contínua e constante em todo o trabalho acadêmico e de pesquisa” (STUMPF, 2014, P. 52) para que assim consigamos estar sempre utilizando os materiais corretos e devidamente alinhados ao nosso tema de pesquisa. Também devemos nos atentar para a escolha das fontes, pois é de suma importância que as fontes sejam confiáveis.

O método de pesquisa tem como objetivo selecionar os procedimentos que irão auxiliar na descrição e explicação de fenômenos (RICHARDSON, 2010). Para Richardson, para obtermos eficácia com o procedimento, é necessário identificar o melhor método de investigação para ser usado no trabalho de pesquisa: quantitativo ou qualitativo. Porém Goode e Hatt (1973, p. 398 - 399) discordam deste conceito de ser essencial escolher um ou outro método,

A pesquisa moderna deve rejeitar como uma falsa dicotomia a separação entre estudos “qualitativos” e “quantitativos”, ou entre o ponto de vista “estatístico” e “não estatístico” [...] Além disso, não importa quão precisas sejam as medidas, o que é medido continua a ser uma qualidade (GOODE E HATT, 1973, p. 398 - 399)

Em nossa pesquisa utilizamos o método quantitativo apenas para quantificarmos quantos respondentes obtivemos no questionário, porém nosso resultado é analisado a partir do olhar qualitativo que conforme nos explicita Richardson (2010, p. 80) “podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais [...]”.

Nesta monografia entendemos como documentos os vídeos e imagens das séries *Scandal* e *How To Get Away With Murder*, e também o questionário e suas respostas. Sendo assim, usamos a análise documental, a qual é, segundo Moreira (2014, p. 272), tanto método quanto técnica, “método porque pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação; técnica porque é um recurso que complementa outras formas de obtenção de dados, como a entrevista e o questionário.” Ademais, a autora classifica a análise em duas categorias: análise de fontes primárias e análise de fontes secundárias. As análises de fontes primárias são materiais como escritos pessoais, cartas particulares, documentos oficiais, textos legais, documentos internos de empresas e instituições. Enquanto as análises de fontes secundárias são oriundas de mídia impressa (jornais, revistas, boletins,

almanaques, catálogos), eletrônica (gravações magnéticas de som e vídeo, gravações digitais de áudio e imagem) e relatórios. (MOREIRA, 2014). Sendo assim, compreendemos que nossa pesquisa se enquadra na análise de fontes primárias (respostas ao questionário) e secundárias (as imagens das cenas dos episódios).

Como parte metodológica para este trabalho de conclusão utilizou-se um questionário online com abordagem qualitativa. As questões foram pensadas de forma que instigasse a pessoa a responder. Sua estrutura era composta por perguntas formuladas e também por vídeos e imagens que fizessem o respondente visualizar o objeto resultando num melhor entendimento.

No questionário elaborado foram disponibilizadas duas cenas das séries em formato de vídeo, que o respondente poderia clicar e visualizar. Também foram mostradas cenas em imagens onde foram selecionadas duas imagens, uma para cada cena. Tanto nas cenas em vídeos como nas cenas em imagens foram colocados os nomes das séries e as temporadas e capítulos correspondentes de cada uma para que quem estivesse respondendo pudesse entender e contextualizar cada. Esta descrição analítica nos permite alcançar o primeiro objetivo específico que é identificar como se dá a relação das personagens com seu cabelo no âmbito profissional e íntimo. A construção e aplicação do questionário se deu para entender as percepções de nossos respondentes nas questões relacionadas aos cabelos das protagonistas das séries analisadas. Neste questionário havia vídeos e fotos, incluídos como técnica projetiva (MALHOTRA, 2001), os quais serviram como base para a resposta de determinadas questões. As cenas foram escolhidas por julgamento (BARBETTA, 1994) da pesquisadora, por serem cenas representativas da problemática estudada. Para Richardson (2010, p. 189) “a informação obtida por meio de questionário permite observar as características de um indivíduo ou grupo”. O autor, para melhor entendimento, classifica os questionários em três categorias: questionários de perguntas abertas, questionário de perguntas fechadas e questionários que têm os dois tipos de perguntas (RICHARDSON, 2010, p. 191)

O questionário que elaboramos e que lançamos aos nossos respondentes encaixa-se na categoria que mescla os dois tipos de perguntas, abertas e fechadas,

As perguntas fechadas, destinadas a obter informação sociodemográfica do entrevistado (sexo, escolaridade, idade, etc.) e resposta de identificação de opiniões (sim - não, conheço - não conheço, etc.), e as perguntas abertas, destinadas a aprofundar as opiniões do entrevistador. (RICHARDSON, 2010, p. 193)

Este questionário foi feito em formato online, conforme apêndice A, disponibilizado na internet e contou com treze perguntas abertas e fechadas, o que resultou em cento e dezesseis respostas, sendo oitenta e uma de respostas que puderam ser analisadas, pois responderam todas as questões.

Por fim, foi feita a análise de conteúdo das respostas obtidas no questionário. Segundo Fonseca Júnior (2014), análise de conteúdo “se refere a um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa” (FONSECA JÚNIOR, 2014, p. 280). Ainda para o autor, a análise de conteúdo trata essencialmente da análise de mensagens, pois ela tem como base a condição de sistematicidade e confiabilidade,

A análise de conteúdo é sistemática porque se baseia num conjunto de procedimentos que se aplicam da mesma forma a todo conteúdo analisável. É também confiável - ou objetiva - porque permite que diferentes pessoas, aplicando em separado as mesmas categorias à mesma amostra de mensagens, possam chegar às mesmas conclusões. (LOZANO, 1994, P. 141 - 142 *apud* FONSECA JÚNIOR 2014, p. 286).

Os métodos aqui mostrados foram os quais nos nortearam nesta monografia. Logo, a composição da análise documental e o questionário online, com posterior análise de conteúdo, junto da articulação das referências já apresentadas nos capítulos anteriores – provenientes de pesquisa bibliográfica - resultaram nos dados que nos guiaram para alcançar o objetivo geral e responder à questão de pesquisa. Na sequência, apresentamos a descrição e análise destes dados.

É importante destacar que as descrições disponibilizadas nos subcapítulos de cada episódio foram escritas através das sinopses disponibilizadas na plataforma *streaming* Netflix e no site do Canal Sony Brasil, canal de televisão fechada que veicula as séries no Brasil.

5.2 *Scandal* e sua protagonista Olivia

Scandal, em sua última temporada (sétima), estreou em 2012 - dois anos antes de *How To Get Away*, - narra a história de Olivia Pope uma advogada bem sucedida que trabalha gerenciando crises de seus clientes, sendo um deles a Casa Branca onde já havia trabalhado. Ela e seus gladiadores - como são chamados os

membros de sua equipe na Olivia Pope & Associates - são responsáveis por zelar pela reputação de seus clientes, grande parte são integrantes da elite da sociedade de Washington.

A fim de contrapor e mostrar a evolução do cabelo da personagem de Kerry Washington na série *Scandal*, usaremos duas cenas em que Olivia aparece com o cabelo liso (como em mais de 90% das cenas da série), e outras duas em que ela aparece com o cabelo natural (as quais foram usadas como técnica projetiva no questionário). Faremos uma breve descrição dos capítulos e analisaremos as mudanças de uma cena para a outra. Para ilustrar o cabelo de Olivia na maior parte da série, escolhemos o primeiro episódio da primeira temporada e o primeiro episódio da última temporada para que possamos analisar como foi a transição de seu cabelo em sete temporadas e se houve alguma mudança significativa, as quais constam nos itens 5.2.1 e 5.2.4. As cenas pré-selecionadas para o questionário, nas quais a personagem aparece com seu cabelo natural, estão nos subcapítulos 5.2.2 e 5.2.3.

5.2.1 Sweet Baby

Neste primeiro episódio o que temos é uma apresentação da Olivia Pope e seus gladiadores de terno de maneira superficial. Também conseguimos ter um gostinho do que será a série e do que se tratam os serviços prestados pela Olivia Pope & Associates. Em meio à trama, são apresentados alguns dos personagens que são fazem parte do elenco base da série. Em *Sweet Baby*, episódio piloto, Olivia está com o cabelo médio, na base dos ombros com um leve ondulado, 2 A, e uma franja na diagonal.

Figura 2 - Olivia, episódio Sweet Baby



Fonte: *Printscreen* do vídeo na Netflix (autora)

5.2.2 *Randy, Red, Superfreak and Julia*

A primeira cena de *Scandal* selecionada para aparecer no questionário foi um recorte do episódio 1 *Randy, Red, Superfreak and Julia*, da temporada 4. O vídeo tem 1 minuto e 59 segundos.

A cena começa em um lindo dia de sol, câmera percorre o mar até chegar na faixa de areia onde Olivia Pope está deitada em uma cadeira de praia, de óculos escuros e maiô - música ao fundo é animada – Jake (seu namorado) se aproxima, senta-se junto a ela e os dois se beijam.

Figura 3 - Olivia, episódio Randy, Red, Superfreak and Julia



Fonte: *Printscreen* do vídeo na Netflix (autora)

Jake está retirando uma caixa de alimentos de dentro de um barco - devido a certas situações nas temporadas anteriores, Olivia e Jake vão passar um tempo numa ilha deserta e recebem mantimentos por meio de uma pessoa que entrega de barco - na areia, Olivia está feliz, pois nessa remessa tem garrafas de um vinho raro. Jake vai pegar a última caixa e o barqueiro lhe entrega uma carta junto. Jake a mostra à Olivia e diz que pode ser do seu pai. Na varanda da casa na ilha, Olivia diz que não é do feitio de seu pai mandar uma carta, e que ninguém sabe que eles estão ali - a cidade mais próxima está a 160 km de distância. Acaba a cena. A todo o momento Olivia está com seu cabelo solto, ela o usa dividido ao meio, seu crespado está na altura de seus ombros. A curvatura do cacho de Olivia pode ser considerado entre o 3A e 3B.

Ainda neste episódio, Olivia volta para Washington, assim que volta à cidade, Olivia está com os cabelos alisados, franja média para lateral direita do rosto. Retornando aos estudos de Hall (1999) podemos ver Olivia como um sujeito pós-moderno, que não tem identidade fixa ou permanente, sua identidade não é formada biologicamente, mas sim construída historicamente, ou seja, ela vai sendo construída ao longo de sua vida. Sendo assim, ela é passível de mudanças. O que no caso de Olivia, nesta cena, foi alterada de um momento para o outro, no caso de um ambiente informal - na praia - para um formal - sua vida profissional.

5.2.3 O cativo

Neste momento foi mostrada apenas uma imagem que era correspondente ao contexto dos episódios que ela está inserida. Esta cena faz parte da temporada 4 foi mostrada especificamente no episódio 11, porém a cena do sequestro se estende por 5 episódios (9, 10, 11, 12 e 13). Nestes 5 episódios que se passam vemos Olivia ser enganada, ser mantida em cativeiro, sem direito a banho, sendo humilhada, ameaçada e se alimentando de comidas estranhas. Seu cabelo, assim como sua aparência em geral, mostra que há tempos ela não toma um banho. Seu cabelo está sem forma, suas roupas são as mesmas desde o dia em que foi sequestrada.

Para além do cativeiro, temos o presidente Fitzgerald Grant III ³ desesperado para salvá-la, tentando não cair em acordos absurdos pedidos pelos sequestradores, e esforçando-se para convencer as agências de inteligência estadunidenses a ajudar a encontrar sua amada. A equipe de gladiadores empenha-se para encontrá-la antes que o presidente caia em algum acordo, como também fazem de tudo para que Olivia volte com vida. Enquanto isso, os sequestrados se desentendem com as mudanças nos rumos da negociação, e Olivia entra em ação e tenta convencê-los com seu plano de ser colocada para leilão e ser vendida para quem pagasse mais. Quando os sequestradores concordam com o plano que Olivia, ela aparece em cena com uma aparência mais tranquila - pode ser pelo fato de estar tomando as rédeas da situação - com roupas limpas, cabelo alisado e penteado, bem diferente de como estava dias antes. Esse desespero de Olivia por se mostrar de cabelos lisos logo depois de sair do cativeiro é o que Félix (2010,n.p) vai nos apontar quando “o cabelo “bom” é o cabelo liso; os indivíduos cedem a essa manipulação na tentativa de se emoldurar no perfil ditado pela sociedade como o ideal” (FÉLIX, 2010, n.p). Esse ideal, esse cabelo que é entendido como o cabelo bom, bonito, o correto é o que fez Olivia alisar o cabelo quando sai do cativeiro. É ao mesmo tempo uma maneira dela mostrar que está bem, que está tudo certo. Pois se ela se mostra pra sociedade com o cabelo crespo, ela vai passar a imagem que não está bem, que não é mais a Olivia poderosa que demonstra a todos.

³ Na série Olivia Pope tem um romance secreto com o presidente dos Estados Unidos Da América

Figura 4 - Olivia no cativoiro



Fonte: *Printscreen* do vídeo na Netflix (autora)

5.2.4 Watch Me

A série, que como já está em sua sétima temporada, teve muitas reviravoltas, as cenas que seguem, na última temporada de *Scandal*, Olivia está com o cabelo extremamente liso, o que foi aprimorado ao longo das sete temporadas. Seu cabelo está abaixo dos ombros e sua franja acompanha o comprimento do cabelo. bell hooks (2005) nos sinaliza que “essa necessidade de ter a aparência mais parecida possível a dos brancos, de ter um visual inócuo, está relacionada com um desejo de triunfar no mundo branco.” que podemos entender como uma assertiva cabível no mundo em que Olivia está imersa. Mesmo sendo uma mulher de poder - a cada temporada Olivia ganha mais status dentro da trama - ela ainda está sob julgamento dos olhares alheios. Ser uma mulher dentro de um dos lugares onde mais circula poder nos Estados Unidos, a Casa Branca, já é uma tarefa que não deve ser muito fácil, pois como nos sinaliza Scott (1989, p7) “O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres”. Porém Olivia não é só uma mulher, ela é uma negra mulher o que torna mais difícil sua posição. Na série conseguimos

identificar que muitas vezes, mesmo Olivia sendo uma mulher que tem poder, por vezes caem questionamentos sobre ela no âmbito profissional pelo fato dela ser mulher, uma negra mulher.

Figura 5 - Olivia, episódio Watch Me



Fonte: *Printscreen* do vídeo na Netflix (autora)

5.3 *How To Get Away With Murder* e sua protagonista Annalise

Atualmente em sua quinta temporada, tem sua trama baseada nos acontecimentos que ocorrem na vida profissional e pessoal da advogada de defesa criminal e professora universitária da Universidade de *Middleton* (fictícia). Anna Mae é formada pela Universidade de *Harvard* e muda seu nome verdadeiro quando abre seu escritório de advocacia na Filadélfia, passando a se chamar Annalise Keating. A série tem como mote a resolução dos dramas vividos pelos personagens do núcleo principal - cinco de seus alunos escolhidos para trabalharem junto à ela e sua equipe - e seus clientes.

Como feito anteriormente na série *Scandal*, aqui também usaremos como contraponto duas cenas, do episódio da primeira temporada e o primeiro episódio da quinta temporada, para que possamos enxergar as mudanças nos cabelos da personagem de Viola Davis. Para entendimento, nem todas as cenas mostradas

aqui estavam no questionário, às cenas pré-selecionadas são as que estão nos subcapítulos 5.3.2 e 5.3.3.

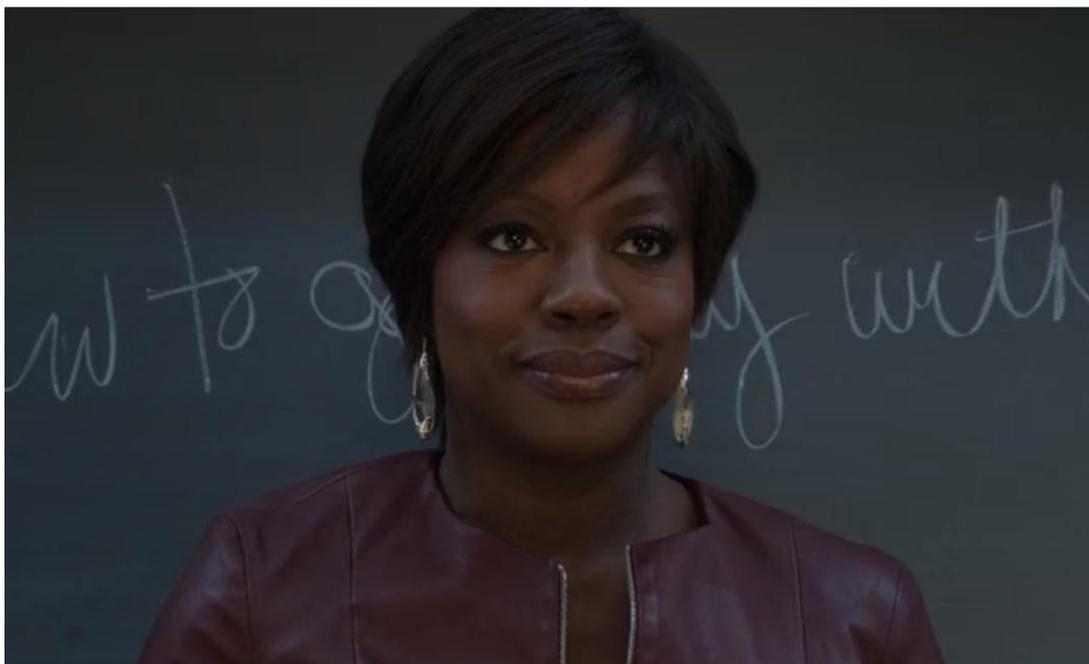
5.3.1 Pilot

O episódio intitulado *Pilot*, começa com um *Flashforward*⁴ de uma festa que está acontecendo em volta de uma fogueira, também mostra os alunos de Annalise em uma floresta à noite aflitos, discordando de certas atitudes de alguns componentes do grupo. A série volta há três meses quando começa o semestre e Annalise apresenta sua disciplina de Direito Penal a seus novos alunos e neste momento fala o nome da série. Annalise leva seus alunos para um julgamento que está sendo estudado em classe, esse julgamento é uma das etapas para que os Annalise vence o caso, escolhe seus cinco alunos do semestre para trabalhar em seu escritório. A todo o momento, durante a série, é usada a técnica de *Flashforward*, que mostra os seus cinco pupilos nervosos com alguma situação, dá a entender que cometeram algum crime, mais precisamente um assassinato. Eles discutem entre si e tentam acobertar enquanto uns tentam não surtar em meio à situação.

Neste episódio Annalise aparece com o cabelo liso curto, podemos considerar com curvatura 1A, com franja lateral, sua sobrancelha está desenhada.

⁴ É um termo utilizado para um fato projetado ou imaginado que acontece no futuro. É o oposto de *Flashback* que seria uma lembrança, retomada de algo que já aconteceu.

Figura 6 - Annalise, episódio Pilot



Fonte: *Printscreen* do vídeo na Netflix (autora)

5.3.2 *Let's Get to Scooping*

Com fundo musical triste a cena do episódio 4 da temporada 1, chamado *Let's Get to Scooping*, mostra Annalise Keating desmontando-se frente ao espelho depois de uma descoberta sobre seu marido, a cena recortada tem 1 minuto e 40 segundos é a última cena do episódio.

É de noite, Annalise está em seu quarto sentada em frente ao espelho, seu semblante é triste, ela começa a retirar anéis e pulseiras. Coloca a mão em sua nuca e puxa sua peruca de trás para frente da cabeça. Neste momento é que descobrimos - como espectadores - que, na verdade, o cabelo liso da personagem é uma peruca – o cabelo natural de Annalise pode ser visto na classificação de tipos de cabelos como 4B/4C. Na sequência, se olhando no espelho, ela passa as mãos em seu cabelo natural. Continua se desmontando, começa a tirar seus cílios postiços, pega um lenço, e de forma não muito delicada vai retirando sua maquiagem a partir dos olhos. Neste momento seu rosto demonstra dor, um choro calado e baixinho é iniciado. Após se despir de toda maquiagem que cobria seu

rosto, passa creme nas mãos e pescoço, sempre com um olhar triste e vazio. A cena acaba.

O episódio completo conta com *Flashforward* que mostram seus alunos desesperados para esconder o corpo de Sam (marido de Annalise), assim como encontrar álibis para cada um. A cena do vídeo que colocamos no questionário, começa quando Annalise confronta Sam por ter uma foto da aluna morta no seu celular. Neste momento ela não se mostra frágil, mesmo tendo acabado de se desmontar. Essa força que ela mostra neste momento delicado vai ao encontro do que bell hooks (1981) fala, no capítulo 4 sobre mídia e estereótipos, quando fala da figura criada no imaginário dos brancos americanos que mulheres negras são fortes e poderosas e por isso não podem demonstrar fraqueza. A negra mulher sempre tem que se mostrar pronta para tudo, como se ela não pudesse em nenhum momento se mostrar vulnerável. Seria um erro mostrar as suas fraquezas, porém o imaginário que negras mulheres são fortes não foram criados por elas, esses estereótipo foi criado por homens brancos para que assim essas mulheres não precisassem de cuidados ou respeito como as mulheres brancas.

Figura 7 - Annalise, episódio Let's Get to Scooping



Fonte: *Printscreen* do vídeo na Netflix (autora)

5.3.3 *Mama's Here Now*

A cena escolhida para estar no questionário como sendo a segunda cena da série, está na primeira temporada, episódio treze, e chama-se *Mama's Here Now*. Neste episódio, a mãe de Anna Mae, como a própria mãe a chama, chega a sua casa de surpresa, pois sabe que o marido da filha faleceu - porém não sabe as circunstâncias. No decorrer do episódio há conflitos que são resolvidos entre as duas, e num destes momentos Annalise está em seu quarto, a noite, sentada em sua cama, chorando, e a mãe chega para consolá-la, a abraça e diz “deixe pentear você, está toda bagunçada”. Então, ela se senta no chão, no meio das pernas de sua mãe, que está sentada sob a cama. Essa começa a contar-lhe a história de como comprou sua primeira casa, quando ainda estava grávida de Annalise, e também conta como foi que “perdeu” a casa após um incêndio que foi motivado por ela mesma quando descobriu que seu cunhado abusava da sua filha. Durante e após contar, em meio às lembranças, Anna Mae e sua mãe estão chorando. As duas se abraçam sem falar nada. bell hooks (2014) fala um pouco sobre essa sensação de cuidado e cumplicidade quando relata sua infância e os cuidados que as mulheres negras de sua família tinham com o cabelos “antes que se alcance a idade apropriada, usaremos tranças; tranças que são símbolo de nossa inocência, juventude, nossa meninice. Então, as mãos que separam, penteiam e traçam nos confortam. A intimidade e a sina nos confortam.” (bell hooks, 2014, n.p).Esse conforto é o que traz a sensação de segurança, o porto seguro para nós negras mulheres, é nossa ancestralidade.

Após o episódio em que descobrimos que Annalise usa peruca, este é o primeiro em que ela passa praticamente todo o tempo, ou com um lenço na cabeça, ou com seu cabelo crespo natural. O único momento em que usa peruca - agora com corte chanel, liso levemente ondulado - e está com a sobancelha desenhada é quando ela vai até a delegacia resolver algumas questões. Sabendo que Hall (1999) e Silva (2013) falam sobre a identidade e diferença, entendemos aqui que Annalise não quer ser vista em público com o cabelo natural, pois a identidade que construiu para olhar do outro não foi essa. Castells (1999) corrobora dizendo que o indivíduo tem múltiplas identidades e por isso pode ir moldando-se ao longo de sua vida, e é exatamente o que Annalise faz para se encaixar nos ambientes diferentes que circula.

Figura 8 - Annalise, episódio Mama's Here Now



Fonte: *Printscreen* do vídeo na Netflix (autora)

5.3.4 *I'm Going Away*

A série está em sua quinta temporada, porém como nossa pesquisa teve como base os episódios disponíveis na Netflix iremos analisar o primeiro episódio da quarta temporada intitulado *I'm Going Away*, pois a quinta temporada até o fechamento desta monografia não estava acessível na plataforma streaming.

Neste episódio Annalise está voltando a vida normal após uma terceira temporada de decadência - Annalise foi presa, acusada de assassinato - volta disposta a tentar arrumar algumas coisas.

O episódio começa com Annalise escrevendo umas cartas aos seus pupilos e mandando mensagens marcando um encontro com eles. Neste primeiro momento Annalise aparece de costas, ela está sem peruca.

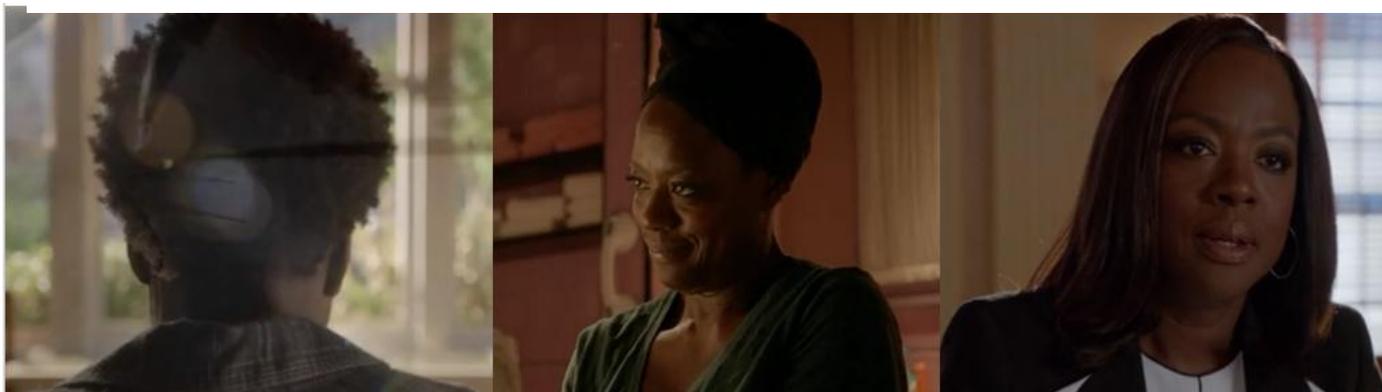
O desmanche de sua clínica jurídica – onde Annalise dava aula - , faz com ela queira libertar seus alunos da obrigação do convívio com ela - por isso as cartas na primeira cena -, para isso Annalise os convida para um jantar e entrega para eles cartas de recomendação para que assim possam seguir suas vidas. Annalise vai passar um tempo em Memphis na casa de sua mãe que está doente, Ophelia está

com demência. A doença da mãe acaba aproximando novamente as duas personagens resgatando momentos de carinho e cuidado. Podemos ver em algumas cenas - enquanto estava a casa de sua mãe - Annalise usando um lenço na cabeça ao invés de uma de suas perucas.

Quando volta da casa de sua mãe Annalise tenta não perder sua licença de advogada, para isso implora ao conselho de advocacia que não tirem a única coisa que ainda resta em sua vida, alegando que já perdeu tudo que tinha como o marido, a reputação, a casa, etc. Uma das últimas cenas do episódio é Annalise indo na sua primeira sessão de terapia indicada pelo tribunal.

Em *I'm Going Away* Annalise aparece de três formas, com o cabelo natural, com um lenço na cabeça e ainda com cabelo liso.

Figura 9 - Annalise, episódio I'm Going Away



Fonte: *Printscreen* do vídeo na Netflix (autora)

Percebemos neste episódio que Annalise só é vista sem peruca quando está sozinha ou em família, ambiente íntimo. Quando ela está em público, ela está de peruca lisa, tanto na cena que está no restaurante com seus ex-alunos ou quanto na cena que está no tribunal ela usa uma peruca alisada. Notamos também que ela só se mostra ao “natural” quando está em um momento vulnerável como no momento em que escreve as cartas de recomendação ou quando está num ambiente “seguro” - na casa de sua mãe. A representação dessa mulher durona, que vai atrás dos seus objetivos - mesmo que seja se humilhando para um tribunal -, da mulher decidida e poderosa - no jantar ou quando encontra com Desmond - só pode ser representado por uma mulher que tem cabelo liso? Se ela estivesse com seu cabelo

crespo ela deixaria de ter seus atributos? Ela não seria desejada por Desmond? Não seria respeitada no tribunal?

5.4 Entre Olivia e Annalise: uma breve descrição analítica

Diante das cenas mostradas e com base na pesquisa teórica, alcançamos nosso primeiro objetivo específico que é identificar como se dá a relação das personagens com seu cabelo no âmbito profissional e íntimo.

Hall (1999) nos mostra, que a identidade do sujeito muda conforme ele é interpelado pelos outros agentes da sociedade em que está inserido, no caso o cabelos das protagonistas. Quando estão com os cabelos crespos, elas se mostram frágeis ou em cenas de lazer e descanso, quando estão com o cabelo liso elas estão empoderadas, mostram-se fortes e donas de si. Hall (1999) nos assegura que os sujeitos podem ter identidades distintas e contraditórias, por este motivo não há que se estranhar se elas mudam suas identidades ao longo dos episódios. Porém há de se fazer uma crítica quanto a representação de fragilidade ligada ao cabelo crespo - mesmo que nossas protagonistas queiram usar os seus fios lisos - precisamos questionar por que em nenhum momento das cenas anteriormente citadas, as protagonistas aparecem no ambiente de trabalho com seus cabelos naturais? Seria essa uma imposição? Cabelo crespo não passa a ideia de profissionalismo? Uma mulher com o status que as duas personagens têm com o cabelo crespo não passam a sensação de poder? Cabelo crespo só pode ser associado à tristeza ou à momento de lazer?

Freire Filho (2004) alerta que estereótipos não são usados somente para demarcar espaços ou identificar pessoas, mas também para julgar determinado ser na sociedade, explicitar suas diferenças e julgá-lo. Ou seja, no momento em que elas usam seus cabelos lisos e por isso são entendidas como negras mulheres de poder, afirmamos que para ter poder ou parecer tê-lo a negra mulher precisa, necessariamente, estar mais próxima as pessoas brancas - pois são elas que têm cabelos lisos natural, na conjuntura das séries. Também podemos compreender que cabelo crespo dá a sensação de não se importar com a aparência, estar num momento íntimo e por isso não pode ser levado para o âmbito profissional, pois está relacionado ao lazer.

Após descrever as cenas que foram usadas no questionário, assim como as cenas que escolhemos para ilustrar a trajetória do cabelo de nossas protagonistas, partiremos para a análise de dados dos nossos respondentes.

5.5 Perfil do público respondente do questionário

A internet é uma das ferramentas mais utilizadas nos últimos anos para disseminar informações e atingir um número significativo de pessoas sem que seja necessário falar com elas pessoalmente. . A pesquisa contou com 116 respostas, e foi realizada no período entre os dias 03 e 12 de novembro deste ano. Foi compartilhada em grupos do aplicativo *Whatsapp* e das plataformas digitais *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*.

Sendo assim, nossa pesquisa tinha como intuito atingir as pessoas que fazem parte do público das séries, para que respondessem a algumas perguntas relacionadas com o cabelo das protagonistas. Este questionário foi elaborado com o total de sete seções, compostas por 15 perguntas, sendo a primeira seção com perguntas objetivas, para traçar o perfil social, segundo modelo do IBGE, - gênero, idade, escolaridade, cor ou raça e classe social - enquanto as outras seis seções tiveram perguntas para respostas dissertativas - abertas - assim nossas respondentes poderiam contar sobre suas experiências enquanto audiência das séries.

Com um total de 96 pessoas do gênero feminino, 19 masculino e uma pessoa que não quis responder sobre seu gênero, conseguimos traçar um perfil para o público respondente da pesquisa. A maioria se identifica com o gênero feminino.

Sobre a faixa etária dos participantes, oito têm entre 16 e 20 anos, 46 entre 21 e 25 anos, 40 estão na faixa dos 26 e 30 anos, nove têm entre 31 e 35 anos, assim como na primeira faixa de idade, oito têm entre 36 e 40 anos e cinco têm mais de 40 anos. Dentre os respondentes em relação à escolaridade, temos 44 com ensino superior em andamentos, 39 tem ensino superior completo, nove tem ensino médio completo, nove estão cursando a pós-graduação, nove já tem pós-graduação, três tem ensino técnico completo, dois estão cursando o ensino médio e uma pessoa tem ensino fundamental completo.

Utilizando o questionário do IBGE como parâmetro para formular as questões sobre qual a cor ou raça que os mesmos se identificam, constatamos que 54 consideram-se pessoas pretas; 52 brancas; e dez pardas. Não tivemos nenhuma pessoa que tenha sinalizado amarela ou indígena.

Por fim, neste bloco questionamos sobre qual classe social o respondente pertence ou se sente parte. Nossos resultados foram: quatro pessoas da classe A (renda mensal: + de 15 salários mínimos); nove pessoas da classe B (renda mensal: de 10 a 15 salários mínimos); 28 pessoas consideram-se da classe C (renda mensal: de 4 a 10 salários mínimos); na classe D, 44 pessoas (renda mensal: de 2 a 5 salários mínimos); 24 pessoas são classe E (renda mensal: até 2 salários mínimos); e sete pessoas se abstiveram de responder ou não sabiam, neste caso marcaram a lacuna “não sei/não quero responder”.

Para que o objeto de nossa pesquisa fosse respondido apenas por pessoas que assistiram à série ou às séries, perguntamos na seção seguinte, qual das duas séries ou as duas, a pessoas havia assistido. Com estas respostas conseguimos direcionar quem estava respondendo ao questionário às seções específicas sobre as séries - ou a série, se a pessoa só viu uma delas. Sendo assim, após essa etapa, ficamos com um total de 81 pessoas que seguiram completando o questionário.

Após a pergunta “funil” as pessoas que estavam respondendo eram direcionadas às seções que estava diretamente ligada à pergunta anterior. Logo, se respondiam *Scandal* iam para a seção sobre esta série; se respondiam *How To Get Away*, iam para a seção sobre, e, se respondia que assistia às duas séries, começava respondendo as questões sobre Olivia Pope e depois seguia para a seção sobre Annalise Keating. O questionário foi feito para obter respostas sobre a percepção do público sobre a atmosfera das séries e os cabelos das personagens, e podia ser respondido por todas as pessoas que assistem ou assistiram as séries, não tinha nenhum pré-requisito além de ser espectador de das duas ou uma das séries.

Recapitulando o pensamento de Hall (1999), entendemos que sistemas de representação são elaborados através da bagagem cultural junto a linguagem de signos de cada indivíduo. Sendo assim, as respostas deste questionário terão

influência da carga identitária de cada sujeito, pois a construção de sua identidade irá impactar no olhar que ele tem da sociedade em que está inserido.

De modo geral, das cinco pessoas que se consideram pardas, duas são do gênero feminino e três são do gênero masculino, pertencentes as classes C e D, respectivamente. Esse público assiste a *How To Get Away* e as duas séries. As pessoas entendidas por si mesmas como pretas que responderam ao questionário, trinta e cinco são mulheres entre as classes B e E - sendo uma não sei/ não quero responder. Seis homens da classe A, D e E, e uma pessoa que preferiu não se identificar - o público assiste as duas séries, juntas e separadamente. Dos respondentes que se consideram brancas, vinte e nove pessoas do gênero feminino são das classes de todas as classes e quatro pessoas do gênero masculino das classes C e D.

No questionário tivemos pessoas que citaram as cenas que estavam pré selecionadas pela autora do questionário, essas cenas foram lembradas ao longo do questionário pelos respondentes 52 vezes. Mesmo que as pessoas não tivessem tido acesso a elas - por vídeo ou imagens - antes de passar pela pergunta específica as cenas, respectivamente, seção 3 para pessoas que responderam apenas *Scandal*, seção 5 para quem respondeu *Scandal* e *How To Get Away*, e seção 7 para pessoas que responderam apenas *How To Get Away*.

5.6 Sobre a percepção do público

Para uma melhor compreensão das respostas e servindo de instrumento metodológico, devido ao grande volume e a densidade das respostas, nos baseamos na técnica de análise de conteúdo para categorizar as respostas do público nas questões abertas do questionário. Para isso, agrupamos as respostas parecidas, ou que tenham algo em comum, e percebemos 4 grandes categorias de conteúdos, quanto às percepções do público sobre as cenas projetadas nos questionário, e a partir delas iremos discutir os resultados.

Ao analisarmos as cenas, precisamos ter em mente que os respondentes vão manifestar-se sob o olhar que tem de mundo, Castells (1999) e Hall (1999) falam sobre identidade e sua construção através dos atributos culturais e entendem que a produção da identidade cultural acontece por meio de questões como gênero, raça e classe. Sendo assim, todas as respostas aqui foram interpeladas pela identidade de

cada indivíduo que interpretou o questionário e o respondeu conforme a composição de sua identidade.

Também podemos verificar que as respostas se utilizaram de uma abordagem semiótica, usando a representação por meio dos signos. Tratando-se de um questionário com respostas escritas elaboradas pelos respondentes, para responder as perguntas dispostas no formulário os interagentes utilizam a parole, que segundo Culler citado por Hall (2016) “é a fala [ou escrita] real, os atos de fala que só são possíveis pela linguagem”. A parole refere-se à formação da escrita e fala por meio de regras e códigos estruturados pela langue, como já explicado no subcapítulo de representação.

Para mostrarmos de forma organizada as respostas recebidas no questionário, selecionamos algumas para respaldarem nosso corpus de pesquisa pelo viés das cenas pré-selecionadas. Muitas respostas contemplam mais de uma categoria, pois abrangeram diferentes assuntos. Desse modo, apresentaremos as categorias com exemplos que podem ilustrar as diferentes percepções. As frases dos respondentes foram colocadas conforme elas foram escritas, não houve nenhuma modificação por parte da autora desta monografia, por este motivo algumas frases podem ter erro na escrita - como digitação e concordância verbal. Após a análise do material, a categorização ficou da seguinte maneira: o conteúdo “Fragilidade” esteve presente em 43 respostas; o conteúdo “Beleza e raça”, esteve em 39 respostas; conteúdos relacionados à “Liberdade” apareceram em 26 comentários; outros assuntos, não correspondentes aos demais conteúdos, foram colocados na categoria “Outros”, com 22 manifestações; e, finalmente, conteúdos relativos ao “Âmbito profissional” tiveram 10 incidências. Estas categorias serão explicadas, ilustradas e analisadas a seguir.

5.5.1 Fragilidade

Essa categoria contempla as características de vulnerabilidade, fragilidade e o lado humano da personagem lembrada pelos respondentes quando registram suas percepções sobre as protagonistas das séries.

Sobre *Scandal* (nas cenas apresentadas anteriormente nas figuras 3 e 4) a respondente 76 (cor/raça preta) diz (nesta citação também há características da categoria que aborda empoderamento):

“Nossa! A percepção e sentimentos são totalmente diferentes. Na primeira ela tá empoderada, rica, plena, super bem de vida (como queremos e merecemos ser). Já na segunda ela tá destruída, é uma péssima imagem. Não me sinto nem vendo ela assim.”

A respondente 95 (cor/raça preta) escreve sobre *How To Get Away* (figuras 7 e 8). Esta fala pode ser considerada também nas categorias que abordam os temas beleza, força e trabalho:

“A mulher negra precisa ser forte o tempo inteiro, um fardo que nos desumaniza, ao ponto de chegar a momentos que não aguentamos mais, nós precisamos de afeto, precisamos poder sermos frágeis. Ela entra no padrão estético de beleza para poder sobreviver a isso tudo, uma “máscara” que a fortalece para continuar a viver, trabalhar em uma função na qual ela tem muito poder sendo uma mulher negra professora universitária. Os racistas não aguentam nos ver numa posição de poder.”

Quando as feministas brancas admitiram que as mulheres negras eram vítimas de uma sociedade machista e racista, mas ao mesmo tempo para não terem peso na consciência ou até para se sentirem menos culpadas pelos anos que ignoraram as necessidades das negras mulheres “sugeriram que apesar de as mulheres negras serem oprimidas elas conseguiam contornar os impactos causados pela opressão sendo fortes” (hooks, 1981). Esse pensamento das feministas brancas reflete ainda sobre os corpos negros que não podem se mostrar fragilizados ou vulneráveis em nenhuma situação. O que nos faz questionar, porque uma mulher não pode ser forte e chorar? Ou mesmo sua força não pode ser frágil, ela não pode carregar os dois sentimentos, ter as duas características?

Esse pensamento de que força e mulheres negras se complementam é de fato um estereótipo criado para que algumas mulheres sejam frágeis e passíveis de cuidado enquanto outras não precisam, respectivamente, mulheres brancas e mulheres negras. Barthes citado por Freire Filho (2004), chega ao conceito vírus da essência, onde o estereótipo vai ser entendido como um vírus que destrói e diminui a pluralidade de características de um povo, uma raça, um gênero, uma classe

social ou um “grupo desviante” a alguns poucos atributos essenciais, como traços de personalidade, indumentária, linguagem verbal e corporal, comprometimento com certos objetivos, etc.

Esse vírus coloca o outro dentro de uma caixinha, passando por cima do entendimento de construção de identidade do sujeito. Não permitindo ao indivíduo a possibilidade que ele seja algo além ou diferente do que já foi imaginado para ele.

5.5.2 Beleza / raça

Nesta categoria iremos identificar os comentários que tiveram como mote a beleza e a raça das protagonistas nas séries.

Segundo Oliveira (2004) a sensação de pertencer a um grupo de identidade racial/étnico é consequência da construção social, cultural e política. Desta maneira pode-se entender que a história de vida dos respondentes poderá influenciar na sua resposta, como no caso da respondente 71 (cor/raça preta) que escreve sobre a cena da figura 7.

“A cena mais famosa dela tirando a peruca. Até hoje lembro a repercussão dessa única cena. Acho que só a comunidade negra entendeu a fundo.”

Quando a respondente cita *“acho que só a comunidade negra entendeu a fundo”* ela determina que as pessoas brancas não terão repertório ou mesmo entendimento de raça para saber o que essa cena representa para as negras mulheres. Pode-se dizer que é necessário um mapa conceitual, que falamos no subcapítulo 4.1 (HALL, 2016), para que as pessoas ou grupo que ela quer atingir com sua resposta entenda o que ela está tentando comunicar de forma objetiva. Porém, para isso as pessoas precisam compartilhar o mesmo mapa conceitual para que assim consigam dar sentido e interpretar o mundo de formas parecidas, ou seja, pessoas brancas não tem o mesmo mapa conceitual que pessoas negras em determinados aspectos de vida para entender a complexidade da cena, os signos mostrados nesta cena serão interpretados de formas diferentes entre pessoas negras e brancas, assim como para mulheres e para homens.

Ainda sobre a série, a respondente 61 (cor/raça preta) escreve sobre o fato de Annalise encontrar abrigo no colo de sua mãe (figura 8), como uma volta ao passado (este comentário também está enquadrado na categoria que trata da fragilidade das personagens),

“[...] Sobre a imagem: quando tudo pareceu estar desmoronando, Anelise procurou aquela que sempre esteve ali pra ela, sua igual, sua mais velha, sua mãe”

Essa humanização da personagem é um dos jogos de representação midiática que nos mostra Hamburger (2003) quando fala das cenas e imagens serem editadas para alimentar o controle das representações do indivíduo nas sociedades contemporâneas. Essa fragilidade mostrada pela personagem, essa inocência quase que infantil, de necessidade de um calor materno de “*sua igual, sua mais velha*” é um apelo midiático. Porém, não podemos deixar de lembrar que negras mulheres desde sempre pentearam o cabelo uma da outra como forma de carinho e cuidado. Crianças negras desde a infância são penteadas por suas mais velhas, sejam elas mães, tias ou irmãs. Esse acolher é uma maneira de mostrar a outra negra mulher que ela não está sozinha, assim como é uma forma de aconchego e afeto. Podemos ver essa ancestralidade e o valor que as negras mulheres dão ao estar entre si, pois as mesmas se entendem, na escrita da respondente 13 que se considera preta, explica:

“Eu amo essa personagem e essas cenas, elas mostram a dupla realidade que mulheres negras vivem. Ela demonstra a armadura que temos que vestir, o estereótipo que tentam nos enquadrar para fazermos parte de algo e sermos bem sucedidas. A cena com a mãe dela me lembra muito o quanto nós mulheres negras estamos conectadas entre nós mesmas, como nossa ancestralidade e forma de ver o mundo definem o que seremos. São outras formas de ver o mundo, outras epistemologias, outros feminismos.”

5.5.3 Liberdade

Nesta categoria elencamos as respostas que tiveram como mote demonstrar sentimentos de liberdade, força e empoderamento das protagonistas das séries. Para a respondente 90 (cor/raça preta) em *How To Get Away* (figuras 7 e 8), Annalise se protege do mundo vestindo uma couraça que os outros enxerguem,

deixando assim sua essência protegida dos possíveis ataques que possa ter por sua aparência,

“Na primeira cena ela está se livrando da armadura e na segunda ela está sem. Negros usam armaduras pra não sofrer tanto preconceito”.

Já a respondente 49 que se entende como branca, também escreve sobre a série (figuras 7 e 8), cita o desconforto que sente pelo fato de ser mulher e assim entender um pouco o que se passa com a outra,

“Na primeira, um incômodo pelo fato de que, como mulher - especialmente mulher negra, imagino - Annalise é impelida a usar peruca e esconder seu cabelo. A segunda imagem me passa tristeza.”

bell hooks (2005) e Seixas (2018) vão falar que mulheres negras são atingidas diretamente pelo racismo e sexismo/machismo e por este motivo, sofrem duas vezes mais sendo alvos sociedade racista/machista em que vivemos. Mesmo que a respondente 49 sinta-se importunada pelo fato de ser mulher ela nunca vai entender o que é ser uma negra mulher na sociedade, sua capacidade de entendimento do mundo alheio para nas suas diferenças de raça. Quando vemos a escrita da respondente 90, podemos perceber que há um pouco de auto reconhecimento quando ela cita “negros usam armaduras pra não sofrer tanto preconceito”. Ou seja, nessa fala há um peso por ela ser uma negra mulher e então entender, devido a representação mental (HALL, 2016), o que negras mulheres passam para viver em sociedade.

Ainda pensando a liberdade das personagens, sobre *Scandal* (figuras 3 e 4) a respondente 32 (cor/raça preta) escreve que (este comentário também pode ser inserido nas categorias sobre fragilidade, trabalho e beleza)

“Na cena com o Jake ela está fora do trabalho. Descontraída. Sabe aquele dia q tu acorda em casa, não se arruma pois não vai sair, mas qdo se olha no espelho seu cabelo está lindo? Acho q é isso. Não precisar alisar pois não tem de trabalhar ou ser vista. Na cena do sequestro é a decadência, ela péssima e por isso o cabelo crespo. Como disse anteriormente, essas cenas me incomodam por associarem o cabelo crespo ao momento que não precisa alisar. Como se estar com cabelo assim em espaços públicos não pudesse ser uma opção.”

Podemos entender essas falas como parte de um processo de representação de identificação do indivíduo que não quer ficar à margem da sociedade e sim quer se integrar a ela, quando a respondente 32 escreve “*Não precisar alisar pois não tem de trabalhar ou ser vista*” ela demonstra que para essa mulher estar em um local em que será vista por outras pessoas e se integrar no meio social, ela precisa ter uma aparência diferente da que é mostrada em um momento de lazer. Hamburger (2003) nos fala sobre inclusão e exclusão social quando aborda a representação midiática em que vários veículos de mídia como imprensa escrita, rádio, cinema, televisão e internet, ocupam posição privilegiada na definição da ordem do visível e do invisível. Essa posição de ordenar o que pode ser incluído e excluído socialmente é parte fundamental da mídia enquanto maior difusora de estereótipos

5.5.4 Professional

Nesta categoria serão reunidas as percepções dos respondentes sobre o aspecto do trabalho e a imagem profissional das personagens Olivia Pope e Annalise, como a da respondente 105 que entende-se como preta, traz em sua escrita, sobre a série *How To Get Away With Murder* (cena figura 7), que:

“A cena que mais marcou foi na primeira temporada, na qual ela chega em casa após um dia de trabalho e começa a se “desmontar”. Retira a maquiagem, o cabelo e a roupa de classe. Ela me marcou, pois traz os confrontos diários sentidos por mulheres negras com o espelho, uma vez que ela faz isso virada para o espelho, mostrando o quanto nos enquadramos nos padrões da sociedade para sermos aceitas e respeitadas, pois a profissão e o cargo dela exigem dela isto.”

Quando a respondente coloca a frase “*uma vez que ela faz isso virada para o espelho*” percebemos a relevância deste ato para ela, o que essa cena significa ou segundo Saussure citado por Hall (1999) quando falam de signos, o que significa e a ideia significada. Ou seja, o que de fato significa o espelho e o que devido ao seu repertório esse espelho significa para ela. O que resulta no sistema de representações, algo que produz sentido como nos mostra Hall, assunto que abordamos no subcapítulo 4.1. As representações mentais, ou o mapa conceitual e a linguagem fazem parte do sistema de representação, logo, quando a respondente

escreve “os confrontos diários sentidos por mulheres negras com o espelho”, ela entende que a maioria das negras mulheres passa por essa situação conflituosa com o espelho, afirmando essa frase pelo olhar de sua vivência.

Ainda sobre ambiente de trabalho a respondente 51 (cor/raça branca) escreve sobre *Scandal* (cenas das figuras 3 e 4), neste comentário também se encontra a categoria sobre poder e beleza,

“Me lembro quando ela foi sequestrado, que o cabelo natural dela era usado como forma de mostrar que ela estava “largada”, desleixada, suja. Não sei se era a intenção da série, mas foi como eu senti. Mas também lembro da cena de ela com Jake em uma ilha, que era uma cena de felicidade e o cabelo natural dela não representava nada mais que isso: natureza, simplicidade. E, claro, as demais cenas quando ela tinha o cabelo liso era quando ela era “aceita” no mundo dos brancos e na casa branca. Representava ela como mulher poderosa.”

Também temos a escrita da respondente 79 que se percebe como branca, indaga tanto na cena de Olivia quanto na cena de Annalise o porquê dessas mulheres tão poderosas não usarem seus cabelos naturais. A seguir, estão os trechos de respostas referentes, respectivamente, as séries *Scandal* e *How To Get Away*,

“[...] Ela precisa alisar o cabelo para o ser advogada? Digo, ela é a Olivia, sabe? Ela é foda e todos conhecem ela, independente do cabelo.”

“Mesma coisa que a Olivia. Ela precisa ter um cabelo todo alinhadinho para ser advogada? O trabalho dela não é suficiente se ela usar o cabelo natural?”

Conforme foi enfatizado por Jacoub (2017) , notamos que a mulher negra será vista pela sociedade por meio dos seus cabelo pois ela é um corpo social, e este corpo - neste caso o cabelo - será recebido pela sociedade de maneira diferente, liso ele irá ganhar um olhar diferente ao olhar que receberá se ele estiver crespo. Podemos verificar que dependendo da curvatura do fio do cabelo a negra mulher será vista de uma maneira e se ele estiver próximo ao conceito de embranquecimento - cabelo liso - será visto de outra forma.

Um exemplo disto é o episódio em que Olivia Pope sai do cativeiro (figura 4), que é citado pela respondente 51, pois uma de suas primeiras atitudes depois de

sair é alisar seu cabelo. Ela ainda está sob poder dos sequestradores, porém neste momento ela está voltando a ter um pouco de poder - ao contrário de quando estava em cativeiro e só podia acatar as ordens que lhe eram dadas - e para ela é de suma importância estar com o cabelo alinhado, impecável, alisado. A forma como ela se porta com o cabelo alisado, sua postura, agora ela não é mais submissa, agora ela tem voz. E aqui vemos mais uma vez a representação de poder aliada ao cabelo liso. Ela só pode ter voz e ser “respeitada” se o cabelo estiver performando diante da branquitude.

Quando analisamos as perguntas feitas pela respondente 79 e a resposta da respondente 51, conseguimos perceber o quanto o olhar da branquitude está inserido neste ato de elas não estarem - talvez porque não gostam - em nenhum momento da série atuando como profissionais renomadas com seus cabelos naturais. Ao mesmo tempo que podemos questionar se as respondentes entendem a condição de negra mulher de poder num meio, principalmente no caso de Olivia, onde temos em maioria homens brancos como agentes de poder e saber. E então perguntamos se não seriam vistas com o poder que elas demonstram ao longo dos episódios se estivessem com os cabelos crespos? As respondentes quando trouxeram sua visão sobre as cenas conseguiram pensar um recorte de raça ou as protagonistas foram pensadas somente como mulheres de poder, deixando de lado o fator raça?

Pensando a partir de Bauman (1998) e seu conceito de estranhos, o que foge a normatividade da sociedade e por viver numa sociedade majoritariamente branca - nesse âmbito sociedade profissional - usar os cabelos alisados seria uma maneira de se camuflar em meio ao restante dos indivíduos. Olivia resolve casos de embaixadores, senadores e da Casa Branca; já Annalise é professora numa grande universidade, além de atender em seu escritório clientes ricos. Seria - alisar o cabelo ou usar peruca - uma estratégia de sobrevivência e inclusão nestes espaços de poder? Uma maneira de passar despercebido enquanto aparência, de ser parte de um todo – no ambiente em que estão inseridas, este todo é branco.

6.1.5 Outros

Essa categoria corresponde as respostas que não puderam ser identificadas em nenhuma das categorias anteriores, pois não responderam ao escopo da pesquisa que era sobre cabelos. São respostas como da respondente 67 (cor/raça branca) e 117 (cor/raça branca) que escrevem ao falar das cenas de Annalise, respectivamente, as frases “emoção” e “momentos tristes”. Também entra nesta categoria as respostas “Romance e apreensão” da respondente 43 (cor/raça branca) e “Cena 1: feliz por ela estar num lugar lindo com um cara maravilhoso. Cena 2: com muita pena dela” da respondente 115 (cor/raça branca) quando falam sobre a série *Scandal*.

Nestas respostas não foi possível reconhecer sobre o que os respondentes estavam querendo comunicar, também não pudemos fazer ligação da resposta com os cabelos das personagens.

De modo geral, pudemos perceber que as respostas dadas pelos respondentes, em sua maioria, estão em mais de uma categoria, pois falar de cabelos crespos nas séries escolhidas é necessariamente falar de beleza, de poder nas relações de trabalho, da liberdade das personagens em ser quem são, de raça e força. Todos os assuntos abordados nas categorias se conversam, se complementam como se uma categoria não pudesse estar sem a outra para fazer sentido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que tratamos nesta pesquisa, tanto na parte teórica quanto na parte de análise dos dados, percebemos que desde o momento de seu nascimento, as negras mulheres são interpeladas por questões como racismo e machismo, e isso acaba moldando a sua identidade para melhor se encaixar na sociedade em que vive. Eu, negra mulher que hoje em dia uso meu cabelo natural, sempre tive em mente o questionamento do por que em certas ocasiões sinto que meu cabelo não é bem-vindo no ambiente em que estou. Quando alisava meu cabelo lembro da sensação de me sentir parte do ambiente onde estava, por simplesmente estar com o cabelo alinhado e por ele parecer limpo e penteado. Quando voltei a usar meu cabelo natural, percebi muitos olhares negativos, assim como escutei muitas falas sobre pentear o cabelo até sobre como é o processo de lavar. Parece que por ser crespo – meu cabelo está entre as curvaturas 4A e 4B – ele não é considerado bonito, tampouco aceitável, afinal, como já me disseram “existem vários cremes que podem domá-lo” - como se meu cabelo fosse um animal que precisa ser colocado rédeas.

Este trabalho de conclusão surgiu a partir do meu interesse de sanar dúvidas pessoais que tive como espectadora das séries *Scandal* e *How To Get Away*. Em conversas com pessoas próximas, pude perceber que estas perguntas faziam parte do meu círculo social, porém, queria saber se estas questões iam além da minha bolha social, por este motivo, para chegar à resposta do meu objetivo geral representação midiática das protagonistas Olivia Pope (Kerry Washington) e Annalise Keating (Viola Davis) com relação aos seus cabelos naturais no contexto das séries *Scandal* e *How To Get Away With Murder*, respectivamente. Foi necessário pensar os seguintes objetivos específicos: (1) identificar como se dá a relação das personagens com seu cabelo no âmbito profissional e íntimo e (2) investigar a percepção do público sobre cenas em que as personagens aparecem com seus cabelos naturais. A partir da elaboração dos objetivos, iniciamos a pesquisa teórica, a qual colaborou para que pudéssemos responder ao problema. Sendo assim, esse trabalho começa trazendo questões de identidade e diferença. Analisamos como as várias identidades do sujeito são construídas, quais elementos são usados para a diferenciação dos indivíduos e como isso influencia na identidade

cultural de um grupo, sua identificação com o mundo e a sociedade de qual faz parte.

Após fazemos um recorte sobre raça, distinguindo primeiramente raça e etnia, para que assim pudéssemos trazer assuntos como o mito da democracia racial e colocar em xeque alguns lugares de privilégio sob aspectos de estruturação da branquitude e sua constituição de raça superior e única. Quando nos debruçamos às questões de gênero, nos focamos a estudar sobre mulheres e suas representações no mundo. Separamos gênero e sexo para um melhor entendimento de cada de suas particularidades, sendo gênero uma construção ideológica e sexo um fator biológico.

No terceiro capítulo, estudamos sobre a construção do feminismo, contamos de forma objetiva o começo do feminismo branco e a emancipação das negras mulheres para pensar um feminismo criado por elas para elas e suas iguais. É evidenciado como as negras mulheres disputaram espaço para falar sobre suas questões numa sociedade onde suas necessidades não eram consideradas importantes para as mulheres brancas que lutavam por espaço e direito ao voto. Diante disso, entramos no conceito de interseccionalidades, pois sendo Annalise e Olivia negras que estão, desde o seu nascimento, atravessadas pelas questões de raça e gênero.

Sobre representação utilizamos o quarto capítulo para discorrermos sobre o assunto, assim sendo falamos de representação através dos sentidos, signos e linguagens. Vimos, mesmo que de maneira breve, o papel da semiótica ao falar sobre significado e significante, e também percebemos a importância das representações sociais, e o que isso interfere em como o indivíduo é visto por seus semelhantes e por sujeitos que estão alheios a sua existência. Falamos também sobre o papel da mídia e a estereotipação dos corpos negros, como estes sujeitos são mostrados quando estes corpos são tidos como estranhos e fora do contexto social, e também a exclusão e inclusão dos indivíduos nos meios de comunicação. Na parte sobre cabelos, nos limitamos a falar das diferenças dos tipos de cabelos e suas curvaturas, também é feito um recorte para os cabelos crespos e como as mulheres negras são enxergadas na diferenciação entre cabelo bom e ruim.

No quinto capítulo, explicamos os procedimentos metodológicos utilizados para que conseguíssemos os resultados obtidos. Esclarecemos a metodologia, mostramos os perfis sociais dos respondentes, os dados qualitativos e quantitativos

conseguidos através do questionário online, cruzamos dados para saber qual o perfil dominante dos correspondentes, para isso utilizamos gráficos ilustrativos. É neste capítulo que falamos sobre as cenas pré-selecionadas e as cenas que serviram de objeto de projeção para mostrarmos sobre o que é a série, onde ela é ambientada e as características das personagens. Também separamos em categorias para uma melhor compreensão, algumas manifestações dos respondentes em relação as cenas pré-selecionadas das séries.

Portanto, após os capítulos teóricos que embasaram a construção do capítulo de análise e a apresentação dos resultados, temos como resposta ao primeiro objetivo específico, o recorte de cenas pré-selecionadas para entender como é o mundo que estas negras mulheres estão inseridas, assim como também foi necessário buscar a primeira cena da primeira e da última temporada de cada série como objeto de observação da evolução das personagens dentro dos âmbitos citados neste objetivo. Neste momento era preciso entender qual o ambiente profissional e íntimo de cada uma. Por isso as séries foram analisadas pelo olhar curioso e científico da pesquisadora, deixando de lado a fã das séries, para que não fossem feitos pré-julgamentos.

O segundo objetivo específico foi respondido através das respostas conseguidas no questionário da pesquisa, pois foi através dele que os respondentes puderam mostrar suas percepções sobre as cenas em que as personagens aparecem com seus cabelos naturais. Destas respostas pudemos perceber que grande parte do público respondeu as cenas pré-selecionadas como as cenas que chamaram sua atenção devido aos conflitos mostrados e a situação que cada personagem estava inserida no contexto do episódio, assim conseguimos categorizar as respostas para um melhor entendimento em: Fragilidade, Beleza e Raça, Liberdade, Outros e Âmbito Profissional.

A conclusão que chegamos após cruzarmos a parte teórica com os dados obtidos é que ainda há uma corrente que aprisiona a negra mulher para que essa não consiga ser totalmente livre e ser como ela quiser na sociedade em que vive. As personagens Olivia Pope e Annalise Keating são mostradas na série, em mais de 90% dos episódios, com seus cabelos alisados. Annalise, personagem de *How To Get Away*, só aparece com seu cabelo natural em frente às câmeras quando está em uma situação de fragilidade. Quando ela está no tribunal ou na sala de aula, lugares onde ela trabalha e se mostra como uma mulher poderosa e imbatível, ela

aparece apenas com os cabelos lisos. Logo, quando a mostram de cabelo crespo ou com lenço na cabeça – de forma geral - é diretamente ligado a algum momento de tristeza, um momento em que a personagem expõe suas fraquezas, onde ela mostra seu lado humano. Já Olivia, personagem de *Scandal*, aparece na trama com os cabelos naturais quando está num momento de lazer, e também em cenas em que está vulnerável. Como Annalise, Olivia em seu trabalho – tanto na casa Branca quanto em seu escritório de advocacia - nunca está com seu cabelo crespo, sempre está com o cabelo alisado de maneira que nenhum fio fique fora do lugar.

As duas personagens nos fazem questionar sobre o lugar que a mídia permite que estejam nossos cabelos crespos. Mesmo com vários movimentos pró cachos e crespos, inúmeros cosméticos para todos os tipos de curvaturas, ainda assim, quando temos negras mulheres em séries renomadas, de grande audiência, protagonistas, em papéis que não são de subalternidade, elas não se livram da ditadura do cabelo liso. As personagens podem não se importar com seus cabelos lisos, podem até gostar deles, mas, ainda assim, precisamos indagar o porquê das cenas escolhidas para elas estarem com seus cabelos livres das amarras do preconceito capilar, serem cenas que as colocam como mulheres frágeis.

Fato é que a força demonstrada por elas no seu dia a dia no trabalho não é suficiente para que elas sejam consideradas mulheres fortes com os cabelos naturais. Elas precisam ser fortes de cabelos lisos. Essa relação direta que tem o fator *fragilidade x poder e cabelo natural x cabelo liso* é essencial, faz parte da identidade das personagens enquanto negras mulheres em status de poder. E isso está diretamente ligado a representatividade delas para outras negras mulheres, podendo elas estarem em posição de poder ou não.

Em conclusão, como possíveis desdobramentos dos estudos aqui iniciados, pode-se pensar a relação destas personagens com as outras personagens negras que aparecem ao longo das séries. Do mesmo modo, podemos questionar se essas mulheres, Annalise e Olivia, em seu ambiente profissional não podem se permitir ser frágeis e serem respeitadas ao mesmo tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALHEGO, Juliana de Melo. **Cabelo ruim? A representação do cabelo crespo na publicidade brasileira**. 2016. 104 f. Trabalho de Conclusão. (Graduação em Comunicação Social: Habilitação em Publicidade e Propaganda) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às ciências sociais**. Florianópolis: UFSC, 1994

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama, Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. 4 ed. Difusão Européia, São Paulo, 1970. Disponível em <<http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf>> Acesso em: 10 de out. 2018.

BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cadernos Pagu, v.26, janeiro-junho de 2006: pg. 329-376.

BUCHMAM, Duda. Tipo de cabelo: você sabe identificar o seu? Saiba mais sobre a curvatura do fio. Disponível em <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/beleza/tipo-de-cabelo-voce-sabe-identificar-o-seu-saiba-mais-sobre-a-curvatura-do-fio-duda-buchmann/>> Acessado em 18 de outubro de 2018

CANSOLIM, Veronica Hansi. **A história da primeira onda feminista**. Disponível em <<http://www.justificando.com/2017/09/14/historia-da-primeira-onda-feminista/>> Acessado em 13 de outubro de 2018

CARDIA, Miriam Lopes. **Mulheres na História - Bertha Lutz**. Disponível em <<http://www.arquivonacional.gov.br/br/difusao/arquivo-na-historia/908-mulheres-na-historia-bertha-lutz.html>> Acessado em 13 de outubro de 2018

CARDOSO, Lourenço. **O branco “invisível”: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957 - 2007)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. In: Racismos contemporâneos. Organização, Ashoka Empreendedores Sociais e Takano Cidadania. Rio de Janeiro: Takano Ed, 2003.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. In: A Era da informação: Economia, sociedade e cultura, Volume 2. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A, 1999

CRENSHAW, Kimberle W. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. In: Estudos Feministas. Los Angeles, 2002.

DALTRO, Luana Mendes. **Yes, We can: A transição capilar da mulher negra na mídia tradicional e nas redes sociais**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social: Habilitação Relações Públicas) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

DÁVILA. Jerry - **Raça, etnicidade e colonialismo português na obra de Gilberto Freyre**. Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, nº 7, jul/dez, 2010, pp. 153-174. Disponível em <http://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/media/revista7_artigo7.pdf> Acessado dia 14 de outubro de 2018

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 20018. Tradução de Renato da Silveira.

FÉLIX, Sayara de Brito. **Cabelo bom. Cabelo ruim: a construção da identidade afrodescendente na sala de aula**. In: Revista África e Africanidades - Ano 3 - n. 11, novembro, 2010.

FERES JUNIOR, João. **A atualidade do Pensamento de Guerreiro Ramos: branquidade e nação**. Caderno CRH, Salvador, v. 28, n. 73, p. 111 – 125, Jan/Abr.2015.

FILHO, João Freire. HERSCHMANN, Micael. PAIVA, Raquel. Rio de Janeiro: **Estereótipos e representações midiáticas**. In: Revista eletrônica e-compôs - 1 ed., dezembro de 2004.

GFEMINISTA. **O que são as ondas do feminismo?** Disponível em <<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>> Acessado em 13 de outubro de 2018

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. 2002. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

GOODE, William J.; HATT, Paul K. **Métodos em Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975. 481 p.

GRAFIAS NEGRAS. **Personalidades Negras - Bell Hooks**. Disponível em <<http://grafiasnegras.blogspot.com/2013/10/personalidades-negras-bell-hooks.html>> Acessado em 18 de outubro 2018

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. 102 p. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HAMBURGER, Esther. **Política da Representação**. In: Revista do Programa em Pós-graduação em Comunicação, Contracampo 8, 1º semestre/2003

HOOKS, bell. **Alisando o nosso cabelo**. Trad. Lia Maria dos Santos. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y artista de Cuba, Habana, jan – fev. 2005. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/> Acesso em: 10 de nov. 2018

JACOB. Kamila Marques. **O cabelo como símbolo de resistência em Americanah de Chimamanda Adichie: a existência e resistência de personagens negras na literatura**. Trabalho de conclusão (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

JESUS. Camila Moreira. **Branquitude x branquidade: uma análise conceitual do ser branco**. In: III Encontro Baiana de Estudos em Cultura. Bahia, 2012. Disponível em: <http://docplayer.com.br/12552877-Branquitude-x-branquidade-uma-analise-conceitual-do-ser-branco.html> Acesso em: 22 de out. 2018

JÚNIOR, Wilson Corrêa da Fonseca. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2014. p. 280-303.

MALHOTRA, Naresh. K. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. p. 720.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2014. p. 269-279.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando o gênero**. In: Revista Estudos Feministas. Florianópolis, 2000, p. 53-76.

OLIVEIRA, Fátima. **Ser negro no Brasil: alcances e limites**. In: Estudo Avançados. Vol. 18, n. 50, São Paulo, Jan/Abr 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100006> Acesso em: 7 de out. 2018

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder**. In: Revista de Sociologia e Política, v.18. n°36, p.15-23, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>> Acesso em: 15 de nov. 2018

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas** / Roberto Jarry Richardson; colaboradores José Augustos de Souza Peres ... (et al). - 3. ed - 11. reimpr. - São paulo: Atlas, 2010

ROSA, Milena Alves da. **Práticas de resistência da mulher negra a partir da personagem Michele em Mister Brau**. 2017. TCC (Graduação) – Curso de Publicidade e Propaganda, Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017

SANTOS, Patrícia. **Enrolados e decifrados: cuidados sob medida para todos os cachos**. Disponível em <<https://revistacabelos.uol.com.br/enrolados-e-decifrados-cuidados-sob-medida-para-todos-os-cachos/>> Acessado em 18 de outubro 2018

SCHUCMAN, Lia Varner. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Educação & Realidade**. Porto Alegre, v.20, n.2. jul/dez 1995.p. 71-99

SCOTT, Joan W. **Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history**. New York, Columbia University Press. 1989.

_____. História das mulheres. In: **A escrita da história**. Peter Buke (org); tradução de Magda Lopes – São Paulo: Editora da Universidade Estadual paulista. 1992

SEIXAS, Gabriela. **Negras mulheres estilizando máscaras: Análise das práticas de (re)existência e ativismo no processo de mobilização social a partir do Facebook**. 2018. TCC (Graduação) – Curso de Relações Públicas, Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018

SÉRIE MANÍACOS TV. **Dicionário Série Maníacos**. Disponível em <<https://seriemaniacos.tv/dicionario-serie-maniacos/>> Acessado dia 16 de outubro de 2018

SILVA, Ana Célia da. **Branqueamento e Branquitude: conceitos básicos na formação para alteridade**. In: Memória e formação de professores. 2007. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-06.pdf>> Acesso em: 20 out. 2018

SILVA, Tomaz Tadeu da. HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. A produção social da identidade e da diferença. In _____ (org.). **Identidades e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 13.ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2014. p. 51-61.

VARIKAS. Eleni. **Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott**. Cadernos Pagu, 1994: pp. 63-84.

Perception. **THE “GOOD HAIR” STUDY: Explicit and implicit attitudes toward black women’s hair**. Disponível em <<https://perception.org/wp-content/uploads/2017/01/TheGood-HairStudyFindingsReport.pdf>> <https://perception.org/>> Acessado em 30 setembro de 2018

APÊNDICE A

Questionário da pesquisa online.

PERGUNTAS RESPOSTAS 116

Seção 1 de 10

Scandal e How To Get Away : o poder das relações com o cabelo

Olá! Sou Katiúscia Machado, aluna do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esse questionário faz parte do procedimento metodológico do Trabalho de Conclusão de Curso, orientado pela professora Mônica Pieniz.

O objetivo é analisar a percepção do público sobre a representação midiática das protagonistas Olivia Pope e Annalise Keating com seus cabelos naturais no contexto das séries Scandal e How To Get Away With Murder, respectivamente.

Então se você assiste a uma ou as duas séries, pedimos a sua colaboração respondendo ao questionário a seguir. Salientamos que as respostas serão usadas apenas para fins acadêmicos e são confidenciais.

Muito obrigada pela atenção,

P.S.: Pode conter spoilers! :)

Personalizar tema

PERGUNTAS RESPOSTAS 116

Gênero *

Feminino

Masculino

Não quero responder

Outro

PERGUNTAS

RESPOSTAS

116

Sua idade *

- 16 - 20
- 21 - 25
- 26 - 30
- 31 - 35
- 36 - 40
- Mais de 40
- Não quero responder

Escolaridade *

- Ensino Fundamental em Andamento
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio em Andamento
- Ensino Médio Completo
- Curso Técnico em Andamento
- Curso Técnico Completo
- Ensino Superior em Andamento
- Ensino Superior Completo
- Pós-Graduação em Andamento
- Pós-Graduação Completa
- Não quero responder

Cor ou Raça *

- Preta
- Indígena
- Parda
- Branca
- Amarela
- Não sei / Não quero responder

Classe Social *

- Classe A (renda mensal: + de 15 salários mínimos)
- Classe B (renda mensal: de 10 a 15 salários mínimos)
- Classe C (renda mensal: de 4 a 10 salários mínimos)
- Classe D (renda mensal: de 2 a 5 salários mínimos)
- Classe E (renda mensal: até 2 salários mínimos)
- Não sei / Não quero responder

Séries

Descrição (opcional)

Qual das séries você assiste? *

How To Get Away With Murder



Scandal



As duas



Nenhuma

Scandal

Descrição (opcional)

Sobre as cenas que envolvem o cabelo de Olivia Pope, qual/quais cena (s) você lembra ou que mais te chamou atenção? Por quê? (Por favor, se você lembrar informe o episódio e a temporada) *

Texto de resposta longa

Descreva o seu sentimento ao assistir a essa (s) cena (s)? *

Texto de resposta longa



Scandal - Cenas pré-selecionadas

A seguir mostraremos duas cenas da série (uma das cenas em vídeo e a outra em imagem). Abaixo, descreva a sua percepção e/ou sentimento sobre elas.

Randy, Red, Superfreak and Julia (Temporada 4 - Episódio 1)



Sequestro de Olivia (Temporada 4 - Episódios 9, 10, 11, 12 e 13) *



Texto de resposta longa

Após a seção 4 Ir para a seção 9 (Season Finale...)

Seção 5 de 10



Scandal

Descrição (opcional)

Sobre as cenas que envolvem o cabelo de Olivia Pope, qual/quais cena (s) você lembra ou que mais te chamou atenção? Por quê? (Por favor, se você lembrar informe o episódio e a temporada) *

Texto de resposta longa

Descreva o seu sentimento ao assistir a essa (s) cena (s)? *

Texto de resposta longa

Após a seção 5 Ir para a seção 6 (Scandal - Cenas pré-selecionadas)

Scandal - Cenas pré-selecionadas

A seguir mostraremos duas cenas da série (uma das cenas em vídeo e a outra em imagem). Abaixo, descreva a sua percepção e/ou sentimento sobre elas.

Randy, Red, Superfreak and Julia (Temporada 4 - Episódio 1)



Sequestro de Olivia (Temporada 4 - Episódios 9, 10, 11, 12 e 13) *



Texto de resposta longa

Seção 7 de 10



How To Get Away With Murder

Descrição (opcional)

Sobre as cenas que envolvem o cabelo de Annalise Keating, qual/quais cena (s) você lembra ou que mais te chamou atenção? Por quê? (Por favor, se você lembrar informe o episódio e a temporada) *

Texto de resposta longa

Descreva o seu sentimento ao assistir a essa (s) cena (s)? *

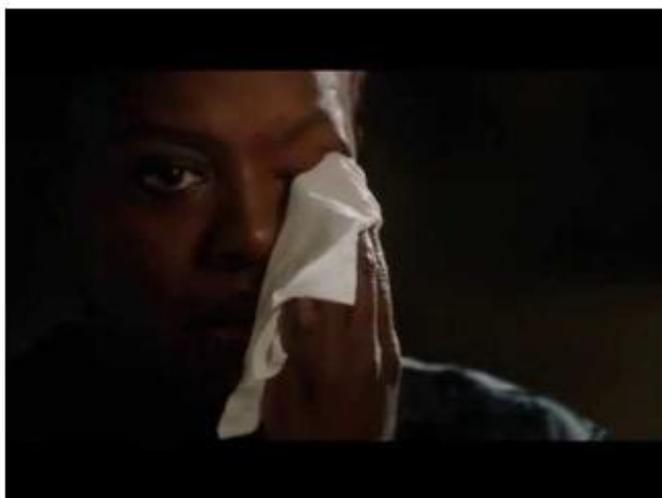
Texto de resposta longa

Após a seção 7 Continuar para a próxima seção

How To Get Away With Murder - Cenas pré-selecionadas

A seguir mostraremos duas cenas da série (uma das cenas em vídeo e a outra em imagem). Abaixo, descreva a sua percepção e/ou sentimento sobre elas.

Let's Get to Scooping (Temporada 1 - Episódio 4)



Mama's Here Now (Temporada 1 - Episódio 13) *



Texto de resposta longa

Após a seção 8 Continuar para a próxima seção

Seção 9 de 10



Season Finale...

Descrição (opcional)

Você gostaria de apontar algo que não foi contemplado neste questionário e *
que você ache relevante ao assunto abordado?

Texto de resposta longa

Após a seção 9 Continuar para a próxima seção

Seção 10 de 10



Muito obrigada ;)

Descrição (opcional)

Agora acabou....

